



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

ANA CRISTINA DE JESUS SANTANA

**VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19:
DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER**

Salvador

2023

ANA CRISTINA DE JESUS SANTANA

**VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA
COVID-19: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

Orientador(a): Prof^a. Dra^a. Elaine Pedreira Rabinovich

Salvador
2023

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Biblioteca

S237 Santana, Ana Cristina de Jesus
Vivências de adolescentes durante a pandemia COVID-19: desafios
na construção do ser / Ana Cristina de Jesus Santana. – Salvador, 2023.
90 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família
na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

1. Adolescentes 2. Família 3. Pandemia 4. COVID-19 5. Resiliência
I. Rabinovich, Elaine Pedreira – Orientadora II. Universidade Católica do
Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação II. Título.

CDU 316.356.2-053.6



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea

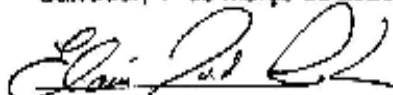
ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ata de DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO de Ana Cristina de Jesus Santana no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Ao primeiro dia do mês de março de 2023, às 09h00, reuniram-se no Auditório do prédio de Pesquisa e Pós-Graduação - bloco C, desta Instituição, a Banca Examinadora, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) Maria Angélica Vitoriano da Silva (CEFAC), Maura Leite Espinheira Avena (UCSAL) e por mim Elaine Pedreira Rabinovich orientador(a), para examinar a dissertação intitulada "VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER" de autoria de Ana Cristina de Jesus Santana.

Após arguição e discussão, a banca examinou, analisou e avaliou o referido trabalho, chegando à conclusão de que esta aprovada, merecendo publicação.

Nada mais havendo a ser tratado, esta Comissão Examinadora encerrou a reunião da qual eu, orientador(a) do(a) mestrando(a), lavrei a presente ATA, que após lida e achada conforme, vai assinada pelos examinadores, pelo(a) mestrando(a) e encerrada por mim.

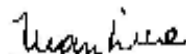
Salvador, 1º de março de 2023.



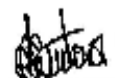
Orientador(a):



Examinador(a):



Examinador(a):



Mestrando(a):

TERMO DE APROVAÇÃO

ANA CRISTINA DE JESUS SANTANA

**"VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19:
DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER"**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em
Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 1º de março de 2023.

Banca Examinadora:


Prof.ª Dr.ª Elaine Pedreira Rabinovich
Orientador(a) - (UCSAL)


Prof.ª Dr.ª Maria Angélica Vitoriano da Silva (CEFAC)


Prof.ª Dr.ª Maura Leite Espinheira Avena (UCSAL)

DEDICATÓRIA

De forma inaugural, em honra a minha ancestralidade.

A Giovanna (“Agraciada por Deus”) e João (“Agraciado por Deus”), filhos amados, que em meio aos desafios da adolescência e atravessamento da pandemia foram lastro, parceria, incentivo, inspiração e amor. A Happy meu cachorro e companheiro de escrita. Ana (“Cheia de Graça”)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai Péricles José de Santana e à minha mãe Maria da Conceição de Jesus, por me concederem a vida e por acreditarem que era importante aprender a “desenhar” o nome.

Agradeço às amigadas construídas durante a adolescência (Alex Almeida, Ana Paula Assis, Cassiano, Celso Rebouças, Eraldo D'onófrío, Karine Tenise, Larissa Assis, Layzer Mello, Liz Passos, Nestor Porto, Paulo Tamboriello, Silvio Paixão) que caminham comigo por tantas décadas, lado a lado. Não tenho dúvidas de que graças a estas relações sigo considerando a adolescência como o período mais interessante do curso de vida.

Agradeço à minha sobrinha Priscila Lelis por caminhar comigo pelas ruas de Paris ampliando os encantamentos existenciais em momentos de pausas durante a pesquisa. Um respiro.

Agradeço especialmente aos meus colegas das expedições fotográficas e aos colegas de “Birdwaching” que contribuíram, sem saber que o faziam, com a minha autorregulação organísmica.

Como protagonistas da pesquisa, agradeço aos adolescentes, um a um dos pesquisados e às suas famílias, que os confiaram a mim, entregando parte dos desafios, parte das dúvidas, parte dos sonhos. Contribuíram de forma considerável para o meu crescimento pessoal e profissional. Minha gratidão.

Embora me faltem palavras para agradecer à minha orientadora, atrevo-me. Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich, por ser presença mesmo depois que decidi mudar o tema e reiniciar do zero, lá estava ela acreditando em meus passos com interesse genuíno e verdadeiro. Para além de orientadora, companheira, tutora de resiliência, instigadora de asas e raízes. Um presente impregnado de singularidade.

Me ensinou a investigar com olhos curiosos, me firmar no lugar de buscadora e transgressora do que se mostra visível.

Agradeço às “Alices” da minha vida, que não são do “País das Maravilhas”¹, mas são tão curiosas quanto, pesquisadoras que são. Ambas sabem que não é qualquer caminho que serve e igualmente que “A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível”. A Profa. Dra. Maria Alice Lelis, amizade de longas datas, às vezes colo, às vezes sustentação e outras tantas vezes inspiração. A Jeane Alice colega de mestrado, companheira de leitura e escrita, parceira de poesia, amiga de vida. Acima de tudo, agradeço por sua humanidade, por ter aparecido em minha travessia tornando-a mais cheia de vida.

Agradeço a todos os meus professores, colegas e funcionários que compõem o Curso de pós graduação, Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Especialmente à Profa. Dra. Sumaia Midlej Pimentel Sá por sua poesia existencial, delicadeza e humanidade e a Ana Carla Almeida, mais que um elo entre os discentes e a Ucsal, profissional atenta e dedicada.

Enfim agradeço a todos os caminhantes que transitaram pela minha vida e que direta ou indiretamente contribuíram para que eu aqui chegasse através desta longa e interessante jornada chamada vida. Ao Deus do impossível, o meu sorriso de gratidão.

¹ Alusão à obra Alice no país das maravilhas de Lewis Carroll.

“Quem dispõe de muito de si, não apenas dos paladares adocicados, mas quem faz uso das fantásticas especiarias da vida, mesmo do amargo, esse desenvolve um senso de recurso e tem tudo. Apropriar-se e responsabilizar-se pela vida é o que nos disponibiliza o recurso de todos os recursos, que é a fé na existência de recursos” (BONDER, 2001, p159).

SANTANA, A. C. J. Vivências de adolescentes durante a pandemia COVID-19: Desafios na construção do ser. 2023. 100 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador - UCSAL-BA, para obtenção do grau de Mestra em Família na Sociedade Contemporânea, Salvador, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar e compreender como os adolescentes pertencentes à classe média da cidade de Salvador vivenciaram a pandemia da COVID-19 e o impacto de tal experiência na construção subjetiva do ser. Por meio da técnica de bola de neve, participaram da pesquisa dozes adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos incompletos, sendo seis do sexo feminino e seis do sexo masculino, moradores da capital Baiana. Os critérios de classificação dos adolescentes como pertencentes à classe média foram os seguintes: Bairro em que residiam, escola frequentada (no caso escola particular), acesso à internet, renda familiar, comodidades da residência. Para a análise das entrevistas, foram utilizados os conceitos de resiliência e de pontos de apoio de valência positiva e negativa. Os dados das entrevistas foram categorizados em: redes sociofamiliar: família; amigos; atividades criativas; autoconhecimento; rede social; rotina; e englobando todas essas categorias, a esperança. Deste modo, foi possível observar os desafios impostos pelo isolamento social decorrente da pandemia bem como os pontos de valência positivas e negativas emergentes do contexto sócio-histórico, intrafamiliar e relacional. Tal cenário mostrou-se convidativo ao amadurecimento e a família contribuiu significativamente como potencializador de resiliência. Foi possível observar também níveis elevados de ansiedade social nos adolescentes durante a pandemia.

Palavras-chave: Adolescentes. Família. Pandemia. COVID-19. Resiliência.

SANTANA, A. C. J. Vivências de adolescentes durante a pandemia COVID-19: Desafios na construção do ser. 2023. 100 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador - UCSAL-BA, para obtenção do grau de Mestra em Família na Sociedade Contemporânea, Salvador, 2023. Abstract

ABSTRACT

This research aimed to investigate and understand how adolescents belonging to the middle class of the city of Salvador experienced the COVID-19 pandemic and the impact of such an experience on the subjective construction of being. Through the snowball technique, twelve adolescents aged between 12 and 18 years old participated in the research, six females and six males, residents of the capital of Bahia. The criteria for classifying adolescents as belonging to the middle class were as follows: Neighborhood where they lived, school attended (private school in this case), internet access, family income, household amenities. For the analysis of the interviews, the concepts of resilience and support points of positive and negative valence were used. The data from the interviews were categorized into: socio-familial networks: family; friends; creative activities; self-knowledge; social network; routine; and encompassing all these categories, hope. In this way, it was possible to observe the challenges posed by social isolation resulting from the pandemic, as well as the positive and negative valence points emerging from the socio-historical, intra-family and relational context. Such a scenario proved to be inviting to maturity and the family contributed significantly as a resilience enhancer. It was also possible to observe high levels of social anxiety in adolescents during the pandemic.

Keywords: Teenagers. Family. Pandemic. COVID-19. Resilience.

SANTANA, A. C. J. Vivências de adolescentes durante a pandemia COVID-19: Desafios na construção do ser. 2023. 100 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador - UCSAL-BA, para obtenção do grau de Mestra em Família na Sociedade Contemporânea, Salvador, 2023. Abstract

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo investigar y comprender cómo los adolescentes pertenecientes a la clase media de la ciudad de Salvador vivieron la pandemia de COVID-19 y el impacto de tal experiencia en la construcción subjetiva del ser. A través de la técnica de la bola de nieve, participaron de la investigación doce adolescentes con edades entre 12 y 18 años, seis del sexo femenino y seis del masculino, residentes en la capital bahiana. Los criterios para clasificar a los adolescentes como pertenecientes a la clase media fueron los siguientes: Barrio donde vivían, escuela a la que asistían (escuela privada en este caso), acceso a internet, ingresos familiares, equipamiento del hogar. Para el análisis de las entrevistas se utilizaron los conceptos de resiliencia y puntos de apoyo de valencia positiva y negativa. Los datos de las entrevistas se categorizaron en: redes sociofamiliares: familia; amigos; actividades creativas; conocimiento de sí mismo; red social; rutina; y abarcando todas estas categorías, la esperanza. De esta forma, fue posible observar los desafíos que plantea el aislamiento social derivado de la pandemia, así como los puntos de valencia positivos y negativos que emergen del contexto sociohistórico, intrafamiliar y relacional. Tal escenario resultó ser una invitación a la madurez y la familia contribuyó significativamente como potenciador de la resiliencia. También fue posible observar altos niveles de ansiedad social en los adolescentes durante la pandemia.

Palabras clave: Adolescentes. Familia. Pandemia. COVID-19. Resiliencia.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	14
2. Aportes teóricos: Adolescências, COVID 19, resiliência.....	17
3. Estado da arte.....	28
4. Método.....	35
5. Resultados e análise de dados.....	40
5.1. A atividade criativa como lugar de “navegar nas torrentes”.....	42
5.2. Rede sociofamiliar.....	45
5.2.1 Família.....	45
5.2.2 Amigos.....	50
5.3. Autoconhecimento.....	52
5.4. As redes sociais e outros recursos disponibilizados aos adolescentes durante a pandemia.....	55
5.4.1. O ativismo digital dos adolescentes em tempos de pandemia.....	55
5.4.2. A relevância da prática da leitura no contexto da pandemia.....	57
5.4.3. Internet enquanto mediadora.....	59
5.5. Rotina, quando o cotidiano se torna extraordinário.....	61
6. A esperança enquanto linha condutora da tecitura existencial.....	65
7. Considerações finais.....	69
8. Epílogo imagético.....	71
Referências.....	73
ANEXOS E APÊNDICES.....	78
A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	79
B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	81
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	83
D – Formulário sociodemográfico, hábitos de vida e sobre família e vida social.....	85
ANEXO I – Termo de compromisso de atendimento psicológico.....	88
ANEXO II - Termo de confidencialidade.....	89
ANEXO III - Fotocópia dos Ofícios de solicitação da mestranda e a apreciação do Comitê de Ética da UCSAL.....	90

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de dissertação aqui apresentado, intitulado “VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER” tem como tema central compreender como os adolescentes de classe média soteropolitana estão vivenciando suas adolescências durante a pandemia COVID-19.

As adolescências sempre foram vistas como um tema muito importante, quer por ter sido um momento em curso de vida de intensas descobertas que contribuíram em grande parte para forma de enfrentar os desafios da vida, quer por atuar como psicóloga clínica atendendo em maioria este público.

Inquietava-nos a forma como os adolescentes se colocavam ao atravessar a pandemia que se deflagrara no início do ano de 2020, bem como as perdas em relação a deixar de experienciar este recorte de vida de forma plena. Percebemos que, em meio as perdas, que ali se mostravam de forma complexa e visceral, alguns deles construíam estratégias efetivas que os auxiliavam diante dos desafios que se mostravam. Por outro lado, também era possível observar as dificuldades de outros tantos e o adoecimento psíquico durante atendimentos clínicos.

Esta inquietação se manteve de forma constante durante o período mais grave da pandemia (entre 2020 e 2021), aguçando a curiosidade e nos convidando a eleger como objeto de pesquisa essa temática: Como a experiência do ser adolescente tem sido vivenciada durante a pandemia COVID-19?

Embora se manifestasse na pesquisa o interesse em aferir a existência da resiliência nestes adolescentes, a palavra resiliência não apareceu na pergunta disparadora nem no tema da pesquisa, haja vista que estávamos até então buscando a compreensão da sua existência ou não através da conduta ou atitude frente a situações novas de aprendizagem. Mais que isto, um cuidado para não direcionar os resultados desta pesquisa.

Ao apresentar tal questionamento, é o objetivo geral compreender como os adolescentes de classe média estão vivenciando suas adolescências durante a pandemia COVID-19, tendo como objetivos específicos:

a) Identificar as vivências e significados associados às relações interpessoais no cenário atual de pandemia na perspectiva dos adolescentes;

b) Identificar os meios de enfrentamento experienciados pelos adolescentes e interrelações com a resiliência;

No decorrer do final do ano de 2019 e início do ano de 2020, fomos assolados à nível mundial pela pandemia causada pelo coronavírus (COVID-19), uma outra realidade onde as pessoas foram convidadas a viver de uma forma muito diferente do que até aqui lhes era familiar. De forma coletiva, as pessoas passaram a enfrentar perdas intensas nas mais diversas áreas da vida. Precipitaram-se os medos, inseguranças, lutos bem como a mudança na estrutura familiar.

Momento a momento, o conceito de família se amplia e se transforma de maneira tal que se torna uma tarefa árdua alcançar a sua definição em função de variadas características sociais, econômicas, culturais, educacionais e legais. A cada definição atribuída ao conceito família, este se torna ultrapassado (FLEXOR, 2015).

A família é o grupo primário envolvendo uma relação mais íntima e duradoura, é a estrutura que proporciona a existência da sociedade sendo variável culturalmente. Pode ser compreendida como “a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa” (Art.5º, II da Lei 11.340/06).

Acredita-se que a família é um lugar de afetos e vínculos, onde é possível respeitar a autonomia de cada indivíduo, uma comunhão de vida que gera responsabilidades e trocas. Família é laboratório primário do convívio em sociedade e propício para desenvolvimento das potencialidades através do amor.

Neste contexto, da pandemia e, conseqüentemente, do isolamento social onde as pessoas se viram forçadas a permanecer em suas residências, o cenário da adolescência passou a enfrentar desafios significativos em um momento destinado as buscas e a experimentar novas experiências, se reinventando e se reconhecendo de uma forma mais independente. Em face da nova realidade, esta pesquisa busca

contribuir para compreensão dos efeitos diretos da pandemia COVID-19 nas relações familiares e nos significados associados às vivências de adolescentes neste período.

Notório salientar que os estudos associados aos efeitos da pandemia COVID-19 e as consequências nas vivências dos adolescentes ainda se manifestam de forma tímida, em razão de tratar-se de fenômeno bastante atual.

O texto está estruturado em nove tópicos: A introdução onde é apresentada a origem do tema e alguns elementos que situam a adolescência no cenário epidemiológico, assim como outras noções importantes como a noção de família; o campo teórico da resiliência e a problematização do tema em que consta a forma como os adolescentes vivenciaram o cenário social epidemiológico; o estado da arte; a metodologia utilizada para a coleta de dados; a apresentação dos dados e a análise dos resultados obtidos através da pesquisa, considerando pontos de valências positivas e negativas existentes e vivenciados pelos participantes, estabelecendo-se relações com as vivências e que se constituem como fatores inerentes à capacidade de resiliência e da esperança. Como penúltimo item, propor-se-á aportes conclusivos seguindo-se do epílogo imagético.

2. APORTES TEÓRICOS: ADOLESCÊNCIAS, PANDEMIA DA COVID-19 E RESILIÊNCIA

A UNESCO aponta a adolescência como a transição da infância para a vida adulta (KUBLIKOWSKI, 2018). As vivências singulares no curso de vida marcado pela transitoriedade e experimentação, correspondendo o referido estudo ao público com idade entre 12 anos completos e 18 anos incompletos (KUBLIKOWSKI, 2018).

Segundo pesquisa direcionada pela FIOCRUZ (2021), os adolescentes passaram a enfrentar intenso sofrimento no decorrer da pandemia (COVID-19). O momento que seria de experimentação e ganho de liberdade foi substituído pelo isolamento social e suas repercussões na saúde.

Segundo Ariès (1978), em sua obra intitulada “*O sentimento da infância. As idades da vida*”, a idade não era um fator preponderante, sendo as crianças tratadas como miniadultos e os seus cuidados terceirizados. Após a revolução industrial, o desenho da família foi modificado, tendo a juventude passado a ser a idade privilegiada. Contribuíram para tanto, além do fator acima descrito, a implementação de novas leis. Se, no período anterior não havia a necessidade sequer de se saber a idade da criança, no período moderno, em decorrência da necessidade de lavrar documentos (Registro Geral) e realizar a separação das etapas da vida, a idade passou a ser vista de outra maneira. Nos séculos XX e XXI, a adolescência passou a ser a idade privilegiada, inclusive encurtando a infância (adultificação) e postergando ao máximo a velhice (ARIÈS, 1978).

A sociedade de uma forma geral universalizou a “crise da adolescência”, baseada nos estudos de Erikson (1976), qualificando-a como uma etapa de confusões, estresse e luto. Entende-se que a adolescência é o momento mais difícil da vida do indivíduo que não se resume em um estado; seria uma condição, não sendo natural e sim social, fruto da relação. Portanto, é preciso entender as relações sociais e o contexto social para entendermos o adolescente que muda com o decorrer da história (OZZELA, 2002).

A antropóloga norte-americana Ruth Benedict (2013) já havia inovado a visão pré-constituída dos adolescentes ao observar diferentes culturas e desenvolver o conceito de continuidade e descontinuidade. Em síntese, ao estudar adolescentes da sociedade de Samoa verificou que, entre eles, não havia crise. Concluiu que só há

crise quando há descontinuidade (ruptura entre um padrão e outro) entre a dependência infantil e a independência da idade adulta. Deste modo, as trajetórias de vida do adolescente ocorrem e decorrem do contexto no qual acontecem.

Na mesma direção, segundo Larson, Brown e Mortiner (2002), a adolescência é uma invenção ocidental do final do século XIX e começo do século XX devido à urbanização, ao desenvolvimento da educação secundária e ao desejo de retirar a juventude do mercado de trabalho. A isto se acrescentam necessidades de mais educação e de maior domínio de mais habilidades, cada vez mais complexas e desafiadoras, aumentando o limite dos atuais jovens para idade muito superior ao esperado pela normatividade. Além disso, deve-se anotar que se pode falar apenas de adolescências, no plural, dado que condições sócio-culturais diversas levam a vivências muito diversas das pessoas nestas idades (KUBLIKOWSKI, 2018).

O psicólogo Stanley Hall, na primeira fase do estudo da adolescência, definia a adolescência como um período de transição e mutação, aderindo à ideia de influência do ambiente (cultura) sobre o indivíduo e vice e versa. Já Freud não considerava adolescência como um período a parte, mas sim como uma das fases do desenvolvimento humano, como pode ser visto em suas afirmações sobre fases oral e anal, por exemplo. Na adolescência ocorreria também uma racionalização dos problemas, de forma inconsciente, para ajudar a lidar com as turbulências internas e sua revolta emocional (SENNA; DESSEN, 2012).

Erikson (1972) trouxe à tona o tema da adolescência configurando-o como uma crise. Para ele, o principal objetivo da adolescência seria a construção da identidade pessoal, processo esse que demarcará a passagem da adolescência para a vida adulta de forma produtiva, além de definir quem de fato é o indivíduo. Durante esta construção, são consideradas as influências externas, internas (características singulares), fatores culturais e ambientais.

Atualmente, pensa-se que o período denominado adolescência não é um interregno entre ser criança e ser adulto, não está baseado na biologia e que se apresentam de modo diferenciado em tempos e espaços diferentes (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2006; KEHL, 2007). Pode-se, além disso, questionar se está

ocorrendo uma adolescência estendida ou uma adulez emergente (KUBLIKOWSKY, 2018), qual seja, como nomear estes anos de vida das pessoas cuja adolescência se estende até os 30 anos.

A adolescência adquiriu um aspecto “plástico”, sendo possível moldá-lo e influenciá-lo de acordo com o contexto do indivíduo. O texto de Sylvia Regina Carmo Magalhaes Senna divide o estudo da adolescência em duas partes, ambas no século XX: as fases históricas caracterizadoras e os avanços dos estudos empíricos. A partir dos anos 70, a ciência do desenvolvimento deixa de ser algo mais teórica e baseado em hipóteses. Fica evidente que ao decorrer do tempo a adolescência ganha o caráter de fase extraordinária, com conflitos turbulentos, além de mudanças biológicas ocorrerem (SENNA; DESSEN, 2012).

A fase da juventude, em suma, é caracterizada por contradições e polaridades. O conceito de juventude engloba a adolescência, a transição para o período de jovem adulto e o adulto jovem. As primeiras teorias sobre o desenvolvimento humano eram estruturadas por uma visão horizontal do crescimento, levando em consideração o crescimento, ciclos e estágios, com as mudanças sendo associadas com o tempo cronológico. Com mudanças significativas históricas, tais como a Revolução Industrial e a o “boom” do capitalismo na década de 1950 nos EUA, o indivíduo é atualmente visto como agente ativo em seu desenvolvimento, apesar de determinado e limitado. Ocorre então, um decaimento da perspectiva da universalidade do curso de vida, e a Psicologia do Desenvolvimento se modifica para abraçar o “inesperado”. Dessa forma, nota-se que a passagem para a vida adulta ocorre de formas múltiplas experiências, formas e rotas (KUBLIKOWSKI, 2018).

Arnett (2015) crê que a adulez seria um ponto de chegada com limites cronológicos e institucionais, variando com a cultura. Segundo ele, a fase adulta emergente deve ser caracterizada pela exploração de identidade; instabilidade em áreas como amor, emprego e moradia, além de um foco em si mesmo e um sentimento de deslocação, pois o indivíduo não se sente nem adolescente, nem adulto.

Esses sentimentos de “deslocamento” e transitoriedade definem tanto a juventude quanto a fase inicial da adultez, o que se justifica por ser a adolescência um período de transição vago, pois não se pode determinar a mudança e a “evolução” pela passagem do tempo e sim pela interação sistêmica de diferentes fontes que variam para cada indivíduo (KUBLIKOWSKI, 2018).

O ambiente familiar rígido e a necessidade de seguir um determinado percurso de vida como *status quo* pode levar a problemas graves de ansiedade e rigidez. Por outro lado, pode ocorrer uma falta de expectativa e um sentimento de descontinuação histórica e exclusão das relações entre gerações. Vale destacar que o processo de maturação não é estabelecido por um único caminho e ordem de acontecimentos, e sim por múltiplos caminhos e ordens sequenciais, além de diversas formas de relacionamentos. Sendo assim, é também necessário analisar o ambiente familiar com uma visão pluralista e inclusiva para o diferente, reconhecendo suas necessidades e especificidades. Nenhum modelo familiar deve ser descartado ou assumido como inválido, assim como nenhum modelo deve ser pregado como a norma e o esperado pela psicologia (KUBLIKOWSKI, 2018).

Olhando ainda para o contexto familiar, os adolescentes manifestam um papel singular no sentido de convidar ao rompimento de antigos modelos. Na perspectiva de Sarti (2004), os jovens caracterizam-se precisamente pela busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como parte de seu processo de afirmação individual e social.

Nesta busca pela construção da identidade, o jovem – através do “encontro” – traz “os outros” para o seio familiar. Segundo Sarti (2004), a família apresenta o mundo para a criança por meio do aprendizado da fala, o adolescente apresenta o mundo à família. A forma como a família recebe tais experiências serão de grande relevância à identidade do indivíduo.

A adolescência foi vista por muito tempo sob a perspectiva de um estágio pontual e estático, gerador de mudanças. Entretanto, tal perspectiva se encontra incorreta com o avanço e progresso das ciências do desenvolvimento. Apesar da adolescência já ter começado a ser foco de algumas pesquisas anteriormente, apenas

nos meados do século XX e XXI os estudos reconhecem a adolescência como algo mais subjetivo e resultado de diversos fatores influenciadores entre si, abrangendo psicológicos, socioeconômicos e históricos (SENNA; DESSEN, 2012).

As adolescências no contexto contemporâneo (SARTI, 2004) não são uma passagem e muito menos um lugar definido. Há um convite expresso à irreverência e à contestação ao mundo apresentado pelos adultos. A contraposição a isto seria a tese e a antítese existencial, dando origem ao protagonismo juvenil. O lugar até então reservado por Erikson de “crise” seria cedido ao lugar de agente de transformação; porém, o lugar socialmente designado é um terceiro: o das expectativas familiares e o da projeção de antigos problemas familiares.

Segundo Senna e Dessen (2012), a cada passo de seu desenvolvimento, o adolescente se depara com um conflito interno para ser resolvido, gerando seu amadurecimento ao longo do tempo, sendo o apoio e encorajamento dos responsáveis incentivadores para o desenvolvimento. Esses autores, por outro lado, declaram que outro grupo de pesquisadores prioriza mais a análise na influência de fatores exteriores para o modelamento da adolescência, categorizando em ambientes imediatos e sociais amplos.

Cada indivíduo quando chega à adolescência, além das mudanças hormonais e físicas, inicia os questionamentos e conflitos internos trocando o referencial primário dos pais pelos valores dos amigos, ídolos, dentre outros, lançando-se ao mundo. Na pandemia, este lançar-se ao mundo torna-se congelado de certa forma, e os momentos que deveriam ser vivenciados por eles pedem transformação e ressignificados (SENNA; DESSEN, 2012).

É necessário, para o estudo da adolescência, compreender as complexidades e camadas que envolvem esta fase do desenvolvimento humano, tais como contextos familiares, escolares, sociais e econômicos.

A família é um dos principais sistemas na formação de uma pessoa e, segundo Souza e Oliveira (2011), talvez seu papel mais importante seja legitimar o indivíduo

no espaço social, abraçando suas características e ajudando-o em seu desenvolvimento.

Adicionalmente, via de regra, a família se torna um pilar na formação do adolescente pois é uma das estruturas que acompanha o indivíduo em sua história de vida desde a infância. É papel da instituição se moldar a partir das necessidades que seu contexto social exige e transmitir esses conhecimentos aos adolescentes.

A geração de crianças e adolescentes desta década já nasceu em um novo mundo tomado por tecnologias e mais flexível em diversos aspectos sociais. Entretanto, isso não significa que todos os adolescentes dessa geração terão acesso a tais privilégios. Ressalta-se que a desigualdade social, crenças religiosas, além das diferenças entre núcleos familiares e comunitários afetam as oportunidades e percepção social de indivíduos. Muitas diferenças entre diversos sistemas têm se tornado, de certa forma, desigualdades. Deve-se tomar cuidado, portanto, para não assumir que todos os adolescentes atravessaram a Pandemia com mesmos desafios e oportunidades. Os relacionamentos sociais, de menor a maior escala, podem gerar tanto a criação de resiliência, tanto quanto de vulnerabilidades (MACEDO; RANGEL, 2021).

Foi possível observar que, no início da pandemia de Covid-19, em março de 2020, não era possível mensurar o risco e a taxa de transmissão entre adolescentes; posteriormente, observou-se que havia um impacto negativo elevado. (FIOCRUZ, 2021). Com base em tais parâmetros, os adolescentes foram convidados a intensificar os cuidados face às medidas restritivas reduzindo a possibilidade de ampliar a convivência com familiares do núcleo extensivo, amigos, colegas de escola se afastando e das demais experiências que são vivenciadas. Tornou-se perceptível a necessidade de estudar as implicações e impactos desta nova forma de viver.

Diante disto, emergiu a questão de como adolescentes da classe média sotropolitana estariam enfrentando a pandemia e a repercussão por ela imposto à sua vida cotidiana com base em uma suposição de que tal enfrentamento poderia indicar o que se denomina resiliência. Pode-se supor que alguns adolescentes podem

manifestar uma maior resiliência no modo de enfrentamento das dificuldades ocasionadas pelo confinamento durante a pandemia.

Ao estudar uma diferente cultura, deve-se tomar cuidado para não utilizar lentes com morais e “verdades” previamente estabelecidas pela sociedade de origem. É necessário que se “descolonize” a visão utilizada que é altamente influenciada por sociedades imperialistas, brancas e colonizadores que atuaram ao longo da história. É essencial que se desconstrua uma óptica fundamentada culturalmente e desprivilegiar sua própria abordagem, que não pode servir de padrão para julgar outros métodos (PICKREN, 2018).

A Resiliência, quando estudada em todos os seus aspectos sócio-históricos-culturais, incluindo o da opressão, se torna evidente que resiliência não é algo exclusivamente de um traço individual ou uma característica, mas algo multifatorial que abrange a sociedade, a cultura e o interpessoal (PICKREN, 2018).

Michael Ungar (2010) apontou que: “as comunidades ou grupos culturais devem ser o árbitro final sobre o que conta para a resiliência. Adicionalmente, deve se ressaltar que o processo de adaptação é majoritariamente sobre prosperidade e sobrevivência dentro de um determinado período, lugar, momento e contexto.

Acredita-se que o desenvolvimento humano e o potencial de resiliência estão conectados. O potencial de resiliência faz parte de todo o curso de vida desde os primeiros anos de vida. Na interação com o meio, a capacidade de resiliência poderá ser reduzida ou ampliada integrando à forma de ser e estar no mundo (CYRULNIK, 2004).

Alvarez, Moraes e Rabinovich (1995, p. 72), em um estudo com jovens que haviam vivido de modo institucionalizado suas infâncias e adolescências, propuseram o conceito de ponto fixo de valência positiva como proposta interpretativa para soluções resilientes assumidas por estes jovens. Descreveram esses pontos como:

“Pontos fixos de valência positiva - qual seja, pontos fixos de ancoragem psíquica com valor de atração – são bases de onde (os jovens) puderam partir e para onde puderam retomar. Trata-se da própria possibilidade de

construção da identidade, no sentido de sentimento do eu, que se dá apoiada nestes pontos. Esses pontos possibilitariam uma interlocução eu-mundo, mesmo que fantasiada”. (ALVAREZ, MORAES, RABINOVICH, 1995, p. 72)

Assim, alguns adolescentes apresentariam pontos de valência positivas (planos, objetivos, família, redes sociais, amigos). Contudo, para outros, os pontos de valência negativa (o distanciamento físico, a impossibilidade de sair, o estudo online, dentre outros) acabariam por se sobrepôr. Percebe-se que os pontos de valência positiva são caminhos que estruturam o adolescente neste momento de pandemia e cumprimento de isolamento social.

O que diferencia uma forma mais assertiva de uma forma menos assertiva ou eficaz no adolescente diante deste cenário de pandemia seriam os pontos fixos de valência positiva ou negativa possibilitando a interlocução EU-MUNDO. Nos processos de enfrentamento pelos jovens adolescentes, tais “pontos fixos” - os grupos de colegas, família, redes sociais, autoconhecimento, espiritualidade, sonhos e projetos – mostram-se como possibilidades edificadoras para vivenciar tal momento. Para Cyrulnik (2001a), sempre é possível reescrever a história, já que nossa história não é um destino e os determinismos humanos são de curto prazo. Para esse autor, os sofrimentos nos obrigam a metamorfosear-nos e nunca perdemos a esperança de mudar a maneira de viver.

O termo resiliência se originou no campo da Física e Engenharia, sendo descrito como a capacidade de um corpo físico voltar ao normal depois de ter recebido algum tipo de pressão sobre si. O material absorve uma energia através de uma força e não se deforma permanentemente. Neste campo, há inclusive uma fórmula para mensurar a relação entre a tensão e deformação sobre a matéria fornecendo com certa precisão a medida da resiliência (YUNES, 2001).

A princípio, os pesquisadores buscavam identificar fatores de riscos no desenvolvimento de crianças e adolescentes diante das adversidades. O marco delimitador foi o estudo prospectivo de coorte conhecido como Kauiai Longitudinal Study (WERNER; SMITH, 1977, 1982, 1993), iniciado em 1955 por uma equipe interdisciplinar de profissionais da saúde.

Este estudo introdutório foi ampliado deslocando-se dos recursos individuais para o meio ambiente, fatores externos a exemplo do pertencimento, vínculo afetivo, nível socioeconômico, a estrutura familiar, a presença de adulto significativo próximo e de referências de identificação. A partir daí, o questionamento central foi sobre quais processos foram associados a uma adaptação positiva, o que levou à ideia de que os fatores de resiliência interagem de forma dinâmica.

Desta forma, tem-se que a resiliência se refere à capacidade dos seres humanos diante de situações estressoras enfrentarem e responderem, de forma positiva às experiências que possuem elevado risco para desenvolvimento do indivíduo. É, em realidade um fenômeno complexo, que se conecta com as experiências individuais e a fatores externos.

O termo resiliência se aproxima da possibilidade de superação e da capacidade de ressignificação de determinado evento. Não se elimina uma experiência e suas consequências, mas acrescenta-se uma nova forma de resposta e interação (MACEDO; RANGEL, 2021).

A resiliência pode ser compreendida como a força de um grupo ou indivíduo, que os ajudam a enfrentar situações problemáticas e adversidades; crises. As vulnerabilidades, por outro lado, são “fraquezas”; fatores de fragilizam a pessoa, que envolvem aspectos sociais, individuais e sistemáticos. Redes de apoio significativas, não limitadas às redes digitais, são necessárias para o enfrentamento de crises e uma criação de maior resiliência. No caso da adolescência, sua rede de apoio são seus responsáveis, familiares, sua comunidade escolar e seus amigos, que, para estarem funcionando de forma saudável, também precisam ser cuidados. Tais redes de apoio também devem estar sempre abertas a reflexão e mudanças conforme os aspectos sociais mudam (MACEDO; RANGEL, 2021).

Algumas tendências que marcam esta geração, segundo o autor, é a expectativa de maior abertura para o diferente, menos preconceitos, alto conhecimento tecnológico e maior conscientização sobre a cultura de consumo e zelo pelo meio ambiente. Contudo, quanto maior o avanço da tecnologia, maior vai se

tornando a exclusão daqueles jovens da mesma geração que não possuem acesso a tal. Por sua vez, o excesso de tais tecnologias também causa danos ao adolescente, como a redução de construção de relacionamentos reais, ao excesso de informações e falta de pensamento crítico e reflexivo da realidade. No entanto, esta nova geração também apresenta dificuldades em assimilar regras estabelecidas, impaciência e dificuldade de lidar com a frustração, além de dificuldade em ter relacionamentos mais significativos e duradouros. (MACEDO; RANGEL, 2021).

O ambiente escolar deveria ser um local para apoio e suporte para os adolescentes, ajudando em sua formação e sempre debatendo aspectos importantes sobre temas que afetam as vidas dos jovens. Políticas públicas também seriam necessárias para o combate à violência e uso de drogas entre adolescentes. Além disso, cabe ressaltar que oprimir, proibir e punir não traz nenhuma solução para problemas que jovens possam enfrentar (MACEDO; RANGEL, 2021).

Aparentemente, o desenvolvimento humano e o potencial de resiliência estão conectados. O potencial de resiliência de um ser humano começa a ser desenvolvido durante a gestação e se amplia durante toda a vida. Durante a adolescência, contudo, os pares assumem um papel importante diante da necessidade da busca pela independência e diferenciação de self. Diante do repertório até então agregado, torna-se possível o afastamento dos pais.

Assim, pode-se pressupor haver tanto pontos de suporte de valência positiva quanto negativa no modo como os adolescentes estão vivenciando este momento de suas vidas e que um estudo abarcando suas narrativas poderá possibilitar a emergência de elementos que ajudariam a compor uma compreensão deste enfrentamento.

O autoconhecimento, assim como a resignificação de fatos já presenciados ou passados que trazem sentimento de sofrimento, perda e dor, se demonstram como um ato de resiliência. (CYRULNLIK, 2001)

Desta forma, os adolescentes poderão encontrar um ponto de apoio e superação para encarar e superar dores e isolamento através da fé, arte, rede de apoio, autoconhecimento, família, dentre outros.

Ao desenvolver a resiliência, o adolescente pode vir a superar seus sofrimentos e achar um sentido para sua existência, para suas vidas e um motivo para viver, ampliando, em meio ao caos, a crença no futuro

3. ESTADO DA ARTE

Ao estudar o tema desta pesquisa, enveredamos pelo levantamento bibliográfico e pela pesquisa bibliográfica, o que nos remeteu às fontes variadas de embasamento teórico da pesquisa, objetivando auxiliar-nos e direcionar-nos às questões referentes a nossos objetivos. Usamos a bibliografia aqui referenciada que

foram coletadas a partir dos livros e da internet em sites como: Google acadêmico (www.scholar.google.com.br), Scielo (www.scielo.org) e Capes (www.periodicos.capes.org.br).

A seguir, apresentaremos uma revisão, não exaustiva, centrada em pesquisas que focalizaram, direta ou indiretamente, a relação entre adolescência, pandemia e resiliência. (Quadro 1)

Quadro 1: quadro sinóptico de pesquisas entre adolescentes, pandemia e resiliência, Salvador, 2022.

AUTOR	Título	MÉTODO	CONCLUSÃO
Laila Bom Rozemberk 2013	Resiliência na adolescência: Uma reflexão sobre o potencial de superação de problemas em meninas	Estudo transversal com dados originais de um inquérito epidemiológico	- Um vínculo familiar de qualidade promove a autoestima do sujeito e lhe confere segurança por ser pautado na aceitação de sua autoimagem.
Marta Assis Loureiro 2021	O impacto da pandemia pela COVID-19 nos Adolescentes e Jovens: revisão crítica da literatura	Revisão crítica da literatura	- Em todas as dimensões estudadas e analisadas: a necessidade de prevenção e de intervenção precoce;

			- Não existem questões e ações Isolados fazemos parte do mesmo todo e precisamos todos uns dos outros
Aparecida Magali de Souza Alvarez Maria Cecília Leite Moraes Elaine Pedreira Rabinovich, 1995	Resiliência: um estudo com brasileiros institucionalizados	Método de derivação empírica de categorias de análise,	- Hipótese de que a resiliência seria um resultado entre fatores internos e externos cujo produto é a criação de sentido da própria vida através de um rumo que norteia projetos.
Flávio Milton de Campos Júnior, 2021	Depressão, resiliência e bem-estar em adolescentes: Relação com isolamento na pandemia da COVID-19	Estudo experimental de desenho time-composto por dois períodos de coleta de dados com diferentes participantes.	- Um dos fatores mais relevantes para momentos de estresse é o autossuporte e o heterossuporte. - Manter-se conectados com figuras que representem de certa forma um vínculo seguro. Figuras que representaram um lugar de segurança proporcionaram a adaptação mais célere à nova vida e a desafios impulsionando à resiliência.
Wanderlei Abadio de Oliveira; Jorge Luiz Silva. André Luiz Monezi Andrade. Denise De Micheli. José Eugenio Rodríguez Fernández. Letícia Lovato Dellazzana-Zanon. Marta Angélica Ioss Silva. Manoel Antônio dos Santos	Adolescência em tempos de pandemia: integrando consensos em um mapa conceitual	Estudo teórico baseado na construção de mapa conceitual	- A construção do mapa conceitual permitiu explorar a vivência dos adolescentes - Indicadores de saúde mental e bem-estar devem ser considerados na pandemia
Lúcia Helena Assis Abdala, 2021	Os adolescentes e a pandemia do novo coronavírus	Histórias de adolescentes através de Conversas interativas; Estudos de casos	Pensando coletivamente sobre o problema coletivo chamado pandemia através de conversas e reflexões à promoção de bem-estar e liberdade. Uma grande teia formada por adolescentes cuidando de adolescentes.
Graziela Jones Caccavale Mofarrej, 2021	Do confinamento aos espaços de liberdade: Um olhar para os nossos jovens em tempos de pandemia	Estudo baseado na prática clínica	Os efeitos da pandemia e o impacto nos jovens. Um convite à arte alimentada por imaginação e criatividade como via de nutrição à alma.
Rosa Maria Stefani Macedo, Maysa Fagundes Pereira Rangel. 2021	O adolescente contemporâneo: os aspectos da adolescência e de seus relacionamentos	Revisão crítica da literatura	De forma atualizada apresenta a adolescência vivendo um momento de transição pessoal, histórico social, com necessidade de acolhimento pessoal, aparente ausência de modelos e da orientação de tradições. Os adolescentes buscam um jeito de ser e um sentido para a sua existência.
Rosa Maria Stefani Macedo; Teresinha Elisete Coiahy Rocha Macedo; Graziella Jones Caccavale Mofarrej; Leda Fleury Maria Helena do	Atitudes, valores e o desenvolvimento de adolescentes: a expectativa positiva do futuro	Revisão crítica da literatura	Traz o olhar da escola enquanto encorajadora de comportamentos voltados para o desenvolvimento de potencialidades; Escola como lugar de cuidar e de “esperançar” e o olhar do coletivo como meio de tornar a escola humana após a pandemia.

Espírito Santo Coel Rosimar Van Dyke Lima Canto; Sonia Angelico; Tatiane S Maeda; Vera Terez Maluly Pacheco; Va Nicolau Paschoal; Y G. Castro. 2021			Necessidade de desviar o olhar das situações desafiadoras e olhar para as potencialidades.
Jonnathan Harvey Narváez, et al., 202	Eventos de vida estressantes, estratégias de enfrentamento e resiliência do adolescente no contexto de uma pandemia	Estudo descritivo, experimental	Busca correlacionar estratégias de enfrentamento e resiliência entre eventos de vida estressantes e estratégias de enfrentamento e de resolução de problemas. A busca de apoio social é identificada na população adolescente tempos de pandemia.

Fonte: Dados interpretados pela autora.

Como se pode ver acima, Rozemberg (2013) apresenta, a partir de uma abordagem quantitativa, o objetivo de identificar as diferenças do potencial de resiliência entre adolescentes do sexo feminino e masculino. Os resultados estão apresentados na forma de dois artigos científicos. No estudo, houve a constatação da necessidade de implementação de programas e políticas públicas voltados para adolescentes que enfatizem a proteção como forma de prevenção dos problemas de saúde mental e promoção da saúde. Contudo, não houve uma constatação de diferença de potencial de resiliência entre meninos e meninas.

Loureiro (2021), em seu estudo com o objetivo de apresentar uma revisão crítica da literatura sobre o impacto e os efeitos da pandemia causada pela COVID-19, especificamente com enfoque para o público adolescente e jovens, concordando com o estudo de Rozemberg (2013), também enfatiza a necessidade de prevenção e intervenção precoce diante destes. Este estudo, além disso, traz a singularidade para olhar para a comunidade como um grande “todo”, investindo desta forma no coletivo e em políticas públicas. Contudo, necessário se faz não deixar de olhar para esta reflexão com cuidado e atenção em especial no período da pandemia onde as diferenças econômicas se mostraram de forma tão proeminentes. De igual sorte, a violência doméstica e em relação aos vulneráveis se ampliaram significativamente.

Alvarez, Moraes e Rabinovich (1995) apresentam um estudo com brasileiros institucionalizados explorando a potencialidade de resiliência. O estudo foi elaborado de forma empírica e apontou a resiliência numa perspectiva de criação de sentido da própria vida através de um rumo que norteia projetos. No referido estudo, está a base que margeia esta pesquisa: a construção da resiliência através dos pontos de valência positiva.

Os estudos de Júnior (2021) apontam que um dos fatores mais relevantes para momentos de estresse é o autossuporte e o heterossuporte. Confirmando a pesquisa de Alvarez et al. (1995), manter-se conectados com figuras que representem de certa forma um vínculo seguro, figuras essas que representaram um lugar de segurança, proporcionaram a adaptação mais célere à nova vida e aos desafios impulsionando à resiliência.

“A Resiliência é a capacidade que o ser humano tem para desenvolver habilidades de enfrentamento, recuperação e adaptação para confrontar situações adversas, estressoras e/ou traumáticas. Tais habilidades são desenvolvidas ao longo da vida num processo complexo de interação entre a adversidade, a resiliência desenvolvida até o momento do confronto e o nível de vulnerabilidade para a adversidade enfrentada. A crise provocada pela pandemia de COVID-19 pode representar um fator de risco importante por ser um momento estressante para muitos adolescentes que tiveram suas rotinas e vidas afetadas com as medidas de contenção da doença”. (JÚNIOR, 2021)

Segundo Oliveira (2020), as medidas sanitárias impostas pelo Estado (distanciamento social, fechamento das escolas e confinamento doméstico) geram impactos significativos à nível socioemocional nos adolescentes, impactando sobremaneira na saúde mental e desencadeando quadros de sofrimento.

Um outro olhar que margeia o presente estudo é o de Abdala (2021). Nele há um olhar diferenciado para os adolescentes com recortes e falas que muito se aproximam de nossa pesquisa. A autora apresenta o trabalho intitulado-o de conversas embora se aproxime bastante de estudos de casos. Pensa coletivamente sobre o problema coletivo chamado pandemia através de conversas e reflexões para a promoção de bem-estar e liberdade e em uma grande teia formada por adolescentes cuidando de adolescentes. Questiona de forma irreverente se eles, adolescentes, não seriam bons “terapeutas” para os seus pares.

Mofarrej (2021) conduz estudos de forma bastante atualizada demonstrando os efeitos da pandemia e o impacto nos jovens e oferece um convite à arte alimentada pela imaginação e criatividade como via de nutrição à alma. No capítulo do livro escrito no decorrer da pandemia, a autora nos apresenta histórias vivenciadas por adolescentes e partilhadas com ela no decorrer do processo terapêutico. De forma poética introduz o tema:

“...clientes que procuram psicoterapia como um caminho a seguir em momentos da vida em que a paz se vai, a tristeza se abriga, a solidão se estabelece, o pranto brota, a dor se instala. A escolha pela trilha da psicoterapia sinaliza esperança. Nesse processo, pode a dor, em algum momento, abrir portas para o amor. O amor é vital, um amor a si próprio, amor à vida, que precisa ser regado e nutrido” (MOFARREJ, 2021).

Rosa Maria Stefanini de Macedo et al. (2021) apresentam uma provocação muito atual para definir a adolescência convidando a olhar para o contexto social e cultural em que estão inseridos, considerando que as singularidades emergem das vivências pessoais.

Adentrando a multiplicidade de perspectivas e a forma como cada um deles é afetado diante do contexto sociocultural, as autoras se afastam de um conceito rígido, inflexível e categorizado, atribuindo à adolescência um significado integrado a partir de diversos fundamentos, como: um fenômeno biopsicossocial, uma faixa etária, um período da vida, uma etapa do desenvolvimento, uma fase de amadurecimento, um contingente populacional ou categoria social (MACEDO et al., 2021).

Rosa Maria Stefanini de Macedo et al, (2021) apresentam uma expectativa positiva para o futuro dos adolescentes enveredando por atitudes, valores e desenvolvimento como percursos possíveis. Alertam para o excesso de informações consumidas, modificadas e consumidas e a forma que tal movimento pode, de certa forma, gerar volatilidade e uma crise de valores pela ausência de valores.

Tais autores retroagem a estudos anteriores antes de seguir em frente, oportunizando-nos a olhar para estudos datados de 2004 e 2009, onde afirmam em apertada síntese que, para o desenvolvimento saudável, é benéfico o deslocamento

do foco do problema direcionando o olhar para as relações saudáveis, as oportunidades, as potencialidades e os valores na vida dos adolescentes. Acreditam que tanto os recursos internos quanto externos são trunfos para um desenvolvimento saudável, mesmo em condições estressoras (MACEDO; KUBLIKOWSKI, 2022)

Jonnathan Harvey Narváez et al. (2022), apresentam uma abordagem às estratégias de enfrentamento e resiliência em eventos estressores da vida dos adolescentes escolares em tempos de pandemia, na cidade de Pasto, Colômbia. Concluíram que existe uma correlação pouco significativa entre as variáveis e as estratégias de enfrentamento de evitação emocional e reação agressiva, contudo, quando se trata de eventos estressores como a pandemia por exemplo, as estratégias de resolução de problemas e busca de apoio social são importantes para o enfrentamento das adversidades.

No que se refere às variáveis estressoras durante a pandemia e a resiliência, concluíram haver uma relação significativa. Neste estudo foi possível observar que existe uma relação direta entre a saúde psíquica do adolescente e estratégias utilizadas para enfrentar os desafios apresentados pela pandemia. A busca por apoio social e a religião, se mostraram como pontos de valência positiva. Tais resultados servem como balizadores para abordar eventos estressores e construir estratégias, especialmente para o retorno pós-pandemia influenciando, assim, nos programas psicopedagógicos.

A partir deste levantamento bibliográfico, pode-se destacar que as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos adolescentes durante a pandemia estão diretamente associadas ao bem-estar psicológico, especialmente as voltadas para resolução de problemas por meio do suporte social, religião, evitação cognitiva, reavaliação positiva e negação.

4. MÉTODO

Esta pesquisa utilizou a abordagem qualitativa como metodologia posto que segundo Minayo (2012, p. 623), esta abordagem tem como principal objetivo “compreender. (...) Para compreender, é preciso levar em conta a subjetividade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total”.

Os participantes do estudo foram adolescentes soteropolitanos de classe média que estavam observando o distanciamento social estabelecido para controle e prevenção de infecção por COVID-19. Foram selecionados, por conveniência e em razão da pandemia, a partir da rede social da pesquisadora para, posteriormente, utilizar-se a implementação por meio da técnica denominada “bola de neve”².

O campo de estudos foi delimitado tendo por inclusão os adolescentes soteropolitanos de classe média, critério sócio cultural estabelecido pelo bairro e condições de moradia, renda familiar, escola frequentada pelo entrevistado (particular), padrão de consumo. Acrescenta-se o substrato do conceito de classe média como:

² A amostra em bola de neve, ou snowball, é uma técnica de amostragem que se utiliza de redes de referência, por isso, torna-se apropriada para pesquisas com grupos de difícil acesso ou até mesmo quando se trata de temas mais privados.

“Conjunto demográfico que, embora com relativamente pouca propriedade, destaca-se por posições altas e intermediárias tanto na estrutura sócio-ocupacional como na distribuição pessoal de renda e riqueza. Por consequência, a classe média é compreendida como portadora de autoridade e status social reconhecidos, bem como avantajado padrão de consumo.” (AMORIM; GUERRA; POCHMANN; SILVA, 2006, p. 16).

Os critérios para inclusão na pesquisa foram ter idade entre 12 anos completos e 18 incompletos; desde que aceitassem participar da pesquisa e tendo a anuência dos pais ou responsáveis.

Foram excluídos da pesquisa os participantes que não preencheram os requisitos legais em relação à anuência e autorização dos responsáveis legais, bem como não estavam dentro da faixa etária eleita para o objeto de estudo.

Após a exclusão, foram entrevistados doze participantes, sendo 6 adolescentes do sexo feminino e 6 do sexo masculino, com idade correspondente a 12 anos completos e 18 anos incompletos.

No que se refere aos processos éticos, a pesquisadora se comprometeu a dar início à pesquisa apenas após a emissão do parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Católica do Salvador (UCSal); aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); aceitação voluntária dos entrevistados; e divulgação dos resultados desse estudo à comunidade científica. Foram seguidas, as normas da Resolução 510\16 do Conselho Nacional de Saúde que lastreiam as diretrizes da pesquisa envolvendo seres humanos nas ciências humanas e sociais. A participação nesta pesquisa foi livre, autônoma e voluntária. Qualquer despesa decorrente da participação foi de inteira responsabilidade da pesquisadora. Caso ocorresse alguma mobilização psicológica\emocional que tivesse necessitado de atendimento psicológico, o participante seria encaminhado para atendimento psicológico especializado, via online (ANEXO 1).

As entrevistas foram realizadas de forma remota em razão do distanciamento social, mediadas por tecnologia virtual através da plataforma Google Meet. As entrevistas foram realizadas com agendamento para que fosse oportunizada a

escolha da melhor data e local, primando pela privacidade, sigilo e bem-estar do participante.

Para gravar a entrevista, foi utilizado um celular marca apple (Iphone 11), bem como internet de banda larga. As entrevistas ocorreram e foram recepcionadas em ambiente propício a garantir o sigilo e privacidade.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora através de contato telefônico quando foi explicado o objetivo da pesquisa e o método utilizado para coleta de dados, bem como a necessidade da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), que, conforme a Resolução 510/2016, poderia ser feito de modo gravado ou por escrito. Posteriormente, foi marcada uma data e horário para realização da entrevista. Quando da entrevista, foi realizada gravação com objetivo de registrar as informações obtidas.

As informações foram acessadas através de um roteiro de entrevista semiestruturada com as perguntas disparadoras, elaboradas pela pesquisadora (Apêndice D). Juntamente com o roteiro de entrevista, foram coletadas informações sobre dados sociodemográficos a exemplo de sexo, idade, moradia; condição de saúde; atividades de lazer e recreação (jogos, igreja, uso de dispositivos de comunicação; música, livros). Informações sobre a família e vida social foram investigadas, assim como a constituição familiar e relações sociais e sobre a experiência com a pandemia COVID-19. A ideia era fazer a interligação entre a entrevista semiestruturada e o formulário sociodemográfico objetivando aproximar-se da ideia de classe média para exclusão ou inclusão na pesquisa.

As entrevistas foram gravadas pela pesquisadora através do aplicativo “gravador de voz”, transcritas, organizadas e colacionadas aos respectivos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido que foram assinados pela pesquisadora e disponibilizado a cópia ao participante da pesquisa e ao seu responsável legal. A pesquisadora se comprometeu a utilizar o material de pesquisa única e exclusivamente para fins acadêmicos, garantindo o anonimato. As gravações e os

textos transcritos foram arquivadas no meio virtual pela pesquisadora pelo termo legal e após descartadas.

A escolha do procedimento para a análise dos dados qualitativos depende de diversas questões desde aspectos teóricos a instrumentos metodológicos. Goldenberg (2004) adverte que esta fase exige muito tempo de reflexão e dedicação, o que possibilita uma boa análise comparativa das respostas.

Na pesquisa qualitativa, um dos desafios é a organização dos dados coletados, objetivando se aproximar do fenômeno estudado e como os entrevistados se manifestam. Não é o objetivo da presente pesquisa a exploração de todos os procedimentos da pesquisa qualitativa

Deste modo, a partir dos elementos derivados da pesquisa bibliográfica e da abordagem teórica, foi objetivo geral da presente pesquisa compreender como os adolescentes pertencentes à classe média da cidade de Salvador vivenciaram a pandemia da COVID-19 e o impacto de tal experiência na construção subjetiva do ser.

Para tal, tem como percurso:

1. Realizar um levantamento bibliográfico sobre o estado da arte sobre os adolescentes na pandemia;
2. Investigar os efeitos diretos da pandemia COVID-19 nas relações familiares e nos demais ambientes de vida dos adolescentes;
3. Investigar os significados associados às vivências de adolescentes neste período;
4. Investigar os recursos utilizados pelos adolescentes para o enfrentamento do isolamento social ao qual estiveram submetidos durante a pandemia;
5. Analisar, de modo integrativo, a utilização de tais recursos face à teorização proposta;
6. Estabelecer relações entre as vivências referidas e a capacidade de resiliência e da esperança.

Em observância aos dados colhidos nas entrevistas e respectivas transcrições, tornou-se possível constatar o impacto da pandemia nos adolescentes em contraponto aos recursos criados por eles com objetivo de enfrentar as dificuldades emergentes.

Acredita-se que, para a interpretação qualitativa, não existem formas tampouco a possibilidade de compreender de forma transparente o processo analítico de pensamento do pesquisador e demais envolvidos. Há amparo na atividade intelectual com objetivo de representar fielmente os dados.

No que se refere à apresentação dos resultados, há inclinação para extração das frases de forma literal. As descobertas aqui evidenciadas serão correlacionadas com aportes teóricos sobre a temática.

5. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

Com o propósito de compreender o significado da vivência de adolescentes soteropolitanos durante a pandemia do COVID-19, dentro do recorte estabelecido para nossa pesquisa, resumimos a análise de suas falas como indicadores de pontos de valência positiva e negativa, conforme pode ser visto no quadro 2:

Quadro 2: Pontos de valências positiva e negativa dos entrevistados, Salvador, 2022.

Entrevistado/a	SEXO/ IDAD	PONTOS DE VALÊNCIAS POSITIVA	PONTOS DE VALÊNCIAS NEGATIVAS
1º Entrevistado	Masculino; 17 anos	- Amigos, considerar mais as amizades; - Esperança em dias melhores;	- Ansiedade social;
2º Entrevistado	Feminino; 15 anos	- Esperança, ser mais feliz; - A Família - Amadurecimento, autoconhecimento	- Crise de ansiedade;
3º Entrevistado	Feminino; 17 anos	- Amadurecimento através das perdas Autoconhecimento. - A Família; - Amigos;	- Ensino EAD;
4º Entrevistado	Masculino; 17 anos	- Rotina; - A Família; - Música (teclado); - Cozinhar	- Ausência de contato físico com os amigos
5º Entrevistado	Feminino; 17 anos	- Ensino EAD; - Psicoterapia; - Autoconhecimento;	- Convívio com a família; - ausência de contato físico com os amigos;
6º Entrevistado	Feminino; 17 anos	- A família; - O Celular; - A academia; - Autoconhecimento;	- A família; - O celular; - Ausência de contato físico com os amigos;
7º Entrevistado	Masculino; 15 anos	- A Família; - Interesse por política; - Hábito da leitura; - Tempo disponível;	- Ausência de contato físico com os amigos;
8º Entrevistado	Masculino; 17 anos	- A Família; - A rotina;	- Ensino EAD;
9º Entrevistado	Masculino; 16 anos	- A Família; - Valorizar as relações;	- A televisão;
10º Entrevistado	Feminino; 17 anos	- A Família; - Os amigos - Autoconhecimento;	- Crise de ansiedade;

11ºEntrevistado	Masculino; 15 anos	- A Família; - O Celular;	- O ensino EAD;
12ºEntrevistado	Feminino; 16 anos	- A Família; - Valorizar as relações; - Amigos;	- Ansiedade;

No quadro acima, pode ser observado como pontos de ancoragem positiva: a família, os amigos, o autoconhecimento, o celular, a leitura, o cozinhar etc.; e como pontos de ancoragem negativo: a ansiedade, o ensino EAD, a televisão etc.

Estes elementos de análise foram, então, agregados em categorias temáticas, quais sejam: Rede sociofamiliar; autoconhecimento; Redes sociais; atividades associadas a artes; rotina e esperança, que serão apresentadas a seguir, sendo que as falas estão transcritas *ipsis litteris*.

5.1. A ATIVIDADE CRIATIVA COMO LUGAR DE “NAVEGAR NAS TORRENTES”

“...Que a arte nos aponte uma resposta
Mesmo que ela não saiba
E que ninguém a tente complicar
Porque é preciso simplicidade pra fazê-la florescer...”
(MONTENEGRO, Osvaldo. Metade)

Aprendi a cozinhar e a música. (Entrevista no.4)

Este participante aprendeu novos pratos e compartilha com os demais que em suas palavras tem “um grupo de apoio que é a minha família”. Diz que sempre gostou muito da música, mas que, na pandemia, ganhou um teclado e começou a aprender a tocar através da internet.

Mais adiante é perceptível que o ato de cozinhar ganha um novo significado e

lugar quando afirma que:

Quanto ao hábito de cozinhar, ele já existia em parte antes da quarentena, eu já sentia algum prazer em ir na cozinha e cozinhar algumas comidas novas, algumas comidas diferentes. Mas com a quarentena eu tive que me aprofundar nesse hobby, tanto por necessidade, tanto por realmente ser um hobby que me faz bem. Então explorar algo que me faz bem. E com isso passei a fazer mais pratos durante a semana, pra realmente ter esse momento de felicidade com a minha família. (Entrevista No.4)

O ato de cozinhar se manifesta horas como um hobby como fala o entrevistado de forma explícita, mas também emerge como um ato de afeto. Cozinhar de forma ampla envolve todos os sentidos, desde a memória afetiva e escolha dos ingredientes até o momento da refeição. É preciso estar presente.

Considerando os compromissos constantes, a família perdeu o hábito de ir à cozinha preparar as refeições. Pelo relato acima, é perceptível que as famílias se mobilizaram no sentido de compartilhar os rituais de cozinhar e apreciar a alimentação em coletividade.

O ato não apenas de cozinhar, mas, todos juntos à mesa, tornou-se uma oportunidade de aprofundar as relações. A refeição compartilhada passou a envolver as relações, tradições e afetos. Mostrou-se para além: um cuidado consigo e com o outro, uma forma de amar.

Para além do ponto de valência positiva ou construção de memórias afetivas, esta vivência enquanto vivida, provavelmente será recordada de forma saudosista em tempos futuras, e, ao lembrar da pandemia colherá também este bálsamo. “A saudade como um sétimo ou oitavo sentido, alimentado ou apaziguado por sons, cheiros, sabores de seu lugar.” (BASTOS, 2014, p.79)

Segundo Agueda Uhle (1997), em seu artigo Reflexões sobre a filosofia e a cozinha, o ato de cozinhar se manifesta também como lugar de expressão artística:

“Mas ele resiste, tenta fazer da culinária, algo que conhece bem, sua forma de expressão artística, seu veículo de comunicação com o mundo. Se veste de Babette, a cozinheira francesa que se refugia numa aldeia esquecida nos

confins de Jutlândia e aguarda o momento para poder exibir sua arte e transformar sua atividade num ato de amor.”(UHLE, 1997)

Durante a pandemia, algumas famílias e lares tiveram a oportunidade de analisar as suas escolhas alimentares. O entrevistado traz em seu relato o cuidado de pesquisar e pensar na alimentação. Afirma que antes da pandemia já cozinhava, contudo, no decorrer desta ampliou o seu olhar para novos pratos, novas criações, novas pesquisas e pelo compartilhamento destes momentos com a família. Ali estava à frente de um hobby, uma expressão artística, uma construção de memórias afetivas. Mas também, diante de um ponto de valência positiva.

Aprender a dançar (Entrevista No.3)

Aprendi a cozinhar e a música. (Entrevista No.4)

E outro hobby é a música, eu sempre tive grande contato com a música desde criança. Sempre ouvi música no meu dia a dia, mas nunca tinha tido um instrumento de fato. E durante a quarentena, o meu presente de aniversário de 2020 foi um teclado bem básico e toda semana eu comecei a praticar um pouco e um pouco mais, e de repente eu já tava tocando músicas completas. Claro que não é nenhum Beethoven da vida, mas músicas completas. E esse hobby com certeza me fez muito bem, até mesmo porque é um instrumento musical (Inaudível). Pra aprender é sempre revigorante (Entrevista No.4)

Para Cyrulnik, a perspectiva de que através das palavras, ações sociais, mas principalmente a arte, o indivíduo em vulnerabilidade poderá alcançar um controle sobre eventos traumáticos, no caso em apreço a pandemia, que se mostrou de certa forma como uma espécie de trauma coletivo.

Segundo Alain de Botton (2014),

“Na arte, a sublimação se refere aos processos psicológicos de transformação, em que experiências ordinárias e pouco significativas se convergem em algo nobre e refinado _ exatamente o que pode acontecer quando sofrimento e arte se encontram.” (BOTTON, 2014, p.26)

A arte se manifesta como um meio de transformar um evento mobilizador em um evento aceito pela pessoa. A arte emerge, desta forma, como uma tutora de resiliência. Por meio da criatividade, seja ela a música, o instrumento musical, o ato de cozinhar ou a dança (mesmo sendo um desejo em construção), o indivíduo reinventa uma nova forma de olhar para a vida sobrepondo-se ao olhar do sofrimento

A arte é “uma pressão para lutar contra a angústia do vazio suscitada por nosso acesso à liberdade que nos dá o prazer de criar.” (CYRULNIK, 2004, p.193)

Boris Cyrulnik (2004) transitando pela metáfora de navegar nas torrentes, no nutre de esperança apostando na afetividade em sobreposição à racionalização extrema, apontando para a resiliência como uma “passagem da sombra para a luz” (p. 3), uma “arte de navegar nas torrentes.” (p. 207).

5.2. REDE SOCIOFAMILIAR

“...Família, família
Vive junto todo dia
Nunca perde essa mania...”
(TITÃS. Família)

5.2.1. FAMÍLIA

Não há de se negar que a pandemia se manifestou como momento de incertezas, medos e crises. Para atravessar esta crise mundial e o isolamento social imposto, tornou-se necessário o forjamento de laços profundos e a ampliação da intimidade relacional, especificamente, nesse caso, com o grupo social primário: a família. A família como uma organização se mostrou capaz de ultrapassar e superar os desafios que se mostraram de forma coletiva, saindo da experiência em sua maioria - mas não na sua totalidade – mais fortificada do que anteriormente.

Uma participante assim se manifestou:

“E com a família eu digo que a relação ficou mais estressante e ao mesmo tempo mais próxima”.
(Entrevistada No.6)

Essa fala mostra que ocorreu ambivalência tanto nos sentimentos dirigidos aos familiares como em relação a si própria nesta sua relação com a família, podendo levar a uma ampliação dos limites dos sentimentos.

Resiliência não há de ser confundida como facilidade de enfrentar crises e não sofrer no processo, mas sim atravessar a dor, com as suas potencialidades, nascendo a partir dos conflitos emergentes, não apesar deles. É a experimentação de medo e incerteza simultaneamente com coragem e determinação.

Neste contexto, apesar do estresse relatado decorrente do convívio mais intenso com a família, também relata, e não de forma contraditória, mas uma visão ampliada, a da proximidade. Tal proximidade, por certo, proporcionou à família maior coesão relacional. Assim emerge nas entrevistas:

O que foi bom foi que eu fiquei mais junto aí da família né.
(Entrevista No.2)

Eu acabei sentindo uma aproximação (Inaudível)... Não sei, acho que comecei a considerar mais eles.
(Entrevista No.3)

Eu sinto que minha conexão com a minha família ficou mais próxima, por assim dizer, ficou uma conexão melhor. (Entrevista No.4)

Outra entrevistada diz que, além da irmã, a rede social foi ampliada com a presença do primo que passou a morar com elas:

O que tá me ajudando mais nesse período é tipo, as convivências diárias que eu ainda tenho, tipo, minha irmã, meu primo. (Entrevista No.8)

Dentro de um contexto familiar, a resiliência mostra-se ampliada quando esta possui uma rede de apoio em que possa contar. Adicionalmente, “a adaptação a eventos de crise é influenciada pelo significado da experiência, que é socialmente construída” (WALSH, 2005, p.11).

Um outro relato se mostra permeado de ressignificação e plasticidade:

Por exemplo quando minha vó morreu de covid e minha mãe ficou internada com sequela de covid, eu precisei tomar conta de tudo.

(Entrevista No.3)

A perda envolvendo um membro de unidade familiar possui diversas camadas e possibilidades de olhares. Pode ser vista como um processo transacional e adaptativo dos outros membros, além de um processo de aceitação e continuidade de vida. No contexto da pandemia, o olhar sobre as perdas clamou por atenção, quer em razão dos lutos coletivos, dos lutos familiares, ou da ausência de ritos.

No relato da entrevistada, para além das questões acima delineadas, há de se olhar para a adolescente, há de se olhar para o cenário sociopolítico, há que se olhar para a ausência de recurso no que se refere a estrutura. A perda traz impactos emocionais e desestabiliza a família como grupo primário apresentando consequências individuais e relacionais.

A resiliência familiar em relação ao luto envolve a capacidade de enfrentamento da morte e seguir adiante, de forma individual e grupal. Entretanto, vale ressaltar que cada unidade familiar lida de maneiras diferentes por diversos motivos. Antigamente os parentes se despediam do ente querido em sua própria casa permitindo maior contato com o processo da finitude da vida. Em momento posterior, a sociedade moderna tecnológica passou a se afastar dos processos de luto, perda e da morte. Com a pandemia, houve o distanciamento dos ritos em razão do distanciamento social (WALSH, 2005).

No relato acima, pode-se supor que tragédias pessoais que geram resiliência também podem ser vistas como oportunidades de crescimento e mudança. Muitas famílias que passaram por adversidades sentem que a dor que passaram os tornaram melhores que antes do acontecimento.

E a relação, segundo eles, melhorou:

Eu acho que melhoraram até depois da pandemia assim, porque antigamente a gente não sabia o quanto a gente sentia falta e precisava um do outro. (Entrevista No.9)

As crenças familiares moldam e influenciam o jeito que a família se comporta e interpreta o mundo, e, conseqüentemente, como essa unidade familiar enfrenta as adversidades. Entretanto, nem todas as crenças serão compartilhadas por todos os indivíduos de uma mesma família.

Ressalta-se também que um evento estressante como foi a pandemia do COVID-19, pode engatilhar um processo de mudança das crenças previamente estabelecidas por uma unidade familiar, que pode gerar conseqüências e mudanças.

Sucessos diante de uma crise pode proporcionar à família mais confiança para enfrentar adversidades futuras.

Estudos mostram que uma um indivíduo considerado resiliente, quando em situação de crise, busca ajuda em suas redes de apoio, seja este familiar, social, religioso ou outro. Adicionalmente, a maneira como a unidade familiar vê uma determinada situação influenciará em seu modo de se reestruturar, enfrentar e se definir.

A perseverança por assim dizer, se define como a capacidade de resistir diante de uma dificuldade, e caracteriza fundamentalmente a resiliência.

Referindo-se a família, entrevistados disseram:

Apesar desse distanciamento físico em estar, sinto que estou muito mais próxima deles. (Entrevista No.10)

Eu acho que melhorou porque o convívio dentro de casa acabou melhorando, a gente assiste filmes, joga dominó, tivemos tempo pra conversar também. (11º. Entrevista No.11)

Resiliência familiar se refere a resiliência aplicada a família como uma unidade e estrutura, reorganizando-se à despeito dos enfrentamentos:

“A maneira como uma família enfrenta e lida com uma experiência difícil, resiste ao estresse, se reorganiza de modo eficiente e segue a vida influenciará a adaptação imediata e a longo prazo de todos os membros da família e a própria sobrevivência e bem-estar da unidade familiar”. (WALSH, 2005, p.55)

Deve-se ressaltar que, apesar da resiliência individual por si só ser de extrema relevância, este olhar devera se ampliado sendo direcionado à família, pois a resiliência da família como conjunto também afeta o indivíduo. O potencial das famílias precisa ser observado bem como a harmonia familiar e seus recursos. Nas entrevistas acima foi perceptível a colaboração entre os membros, a confiança compartilhada e o apoio mútuo.

Durante a pandemia, a interação familiar e os recursos utilizados por este grupo primário, quando compartilhados acaba por ampliar sua confiança para enfrentamento de adversidades futuras, além de fazê-la enfrentar de forma mais efetiva. Processos resilientes devem ser encorajados, tanto para evitar crises como para superá-las sem muitas dificuldades.

Resiliência se define, basicamente, como a capacidade de superar e ultrapassar desafios de forma a renascer com a experiência, acumulando conhecimentos e crescimento em frente a obstáculos. “É um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta a crise e ao desafio”. (WALSH, 2005, p.4).

Uma das entrevistadas relata que:

Com a família eu digo que melhorou, principalmente com a minha mãe, eu brigava muito com ela, muito mesmo. Mas enfim, com minha mãe melhorou, com meu pai também melhorou, tudo que a gente tava passando esses anos a gente resolveu na pandemia, já aqui em casa. (Entrevista No.12)

Para que uma unidade familiar possa se relacionar de forma proativa, tornam-se necessárias a observação de algumas características, como a flexibilidade, estabilidade e conexão entre os pares (WALSH,2005).

Para além das características acima, as famílias precisam se mostrar adaptáveis quando as circunstâncias exigem. A flexibilidade abrange aspectos de recuperação, reorganização e adaptação, entre outros. Uma família capaz de se adaptar às circunstâncias de imprevisibilidades, sejam elas pessoais, sociais ou ambientais, desenvolvem a plasticidade e com ela a capacidade de se reconfigurar.

A estabilidade dentro de uma unidade familiar é composta por regras, contratos relacionais e rotina. É importante que os membros saibam que podem contar uns com os outros e quais são seus papéis. A confiabilidade é essencial e um pilar fundamental da estrutura familiar.

No que se refere à conexão, “as famílias tendem a funcionar melhor quando equilibram proximidade e compromisso com tolerância em relação a separação e as diferenças” (WALSH, 2005, p.82).

É necessário o respeito à individualidade, mas também à harmonia. Conexões familiares são criadas a partir de tempo de qualidade entre os pares, que foi o que aparentemente passou a ocorrer segundo o relato da entrevistada acima.

Concordando com os autores referenciados acima, pode-se observar nas entrevistas coletadas para esta pesquisa, que a rede de apoio se evidenciou como ponto de valência positiva. Tanto o grupo primário da família, conforme já relatado anteriormente, como também em relação aos grupos formados através da internet e conduzidos ao lugar de rede de apoio.

A base familiar é um ponto de valência positiva de proteção considerado muito importante para o desenvolvimento da criança e do adolescente, sendo um dos fatores protetores. É o primeiro ambiente em que o indivíduo irá se reconhecer como pertencente. A construção e o fortalecimento de sua subjetividade ocorrem a partir destes vínculos afetivos experimentados no seio familiar e são fundamentais para as experiências posteriores em diversos outros ambientes que vão sendo conquistados ao longo do desenvolvimento. A escola e a comunidade surgem em um segundo momento, onde o sujeito é lançado ao convívio social.

5.2.2. AMIGOS

“...Amigo é coisa pra se guardar...”
(NASCIMENTO, Milton. Canção da América)

Dentro deste contexto, foram observados na presente pesquisa relatos reconhecendo o lugar da família, mas também, o lugar dos amigos. Para alguns, a pandemia se mostrou como um momento de descobertas no sentido de perceber com quais amigos poderiam contar em momentos desafiadores.

Neste relato abaixo, o adolescente apresenta sintomas de ansiedade social, mas há a presença do desejo de estar com os amigos e de ser “menos sozinho”. Antes da pandemia, preferia ficar sozinho, mas com a pandemia aprendeu a valorizar as amizades.

Eu valorizo mais a amizade.

(Entrevista No.1)

Nas entrevistas realizadas ao longo desta pesquisa, foi possível se deparar com estruturas dos adolescentes com seus colegas em ambiente virtual, criando uma verdadeira rede de apoio, o que corrobora com o estudo de autoria de Jonnathan Harvey Narváez (2022).

Com meus amigos, tipo, assim, mudou muito né? Tipo, hoje em dia a gente quase não se fala mais.

(Entrevista No.2)

Duas pessoas em específico que se tornaram um porto seguro, que seria T., minha amiga, e meu namorado.

(Entrevista No.3)

Eu acho que até tô grato por ter um grupo específico de amigos mas eu também sinto pela falta de viver.

(Entrevista No.7)

Os adolescentes entrevistados em maioria evidenciam a necessidade da presença humana, enfatizando a importância da amizade. No caso do segundo entrevistado acima citado, ele deixa claro tanto a ausência de amigos como também a importância destes diante das vivências cotidianas, formação da subjetividade e o afeto relacional.

Considerando as entrevistas realizadas, foi de grande relevância a rede de apoio. Os adolescentes que apresentaram maior engajamento com grupos, mesmo que de forma virtual, apresentaram maiores possibilidades de pontos de valências positivas que os estruturaram potencializando a construção de resiliência.

Macedo e Kublikowski (2009) utilizaram uma vasta pesquisa identificando que a família e a escola são elementos que exercem influência positiva sobre os jovens. Tal conclusão corrobora sobremaneira com esta pesquisa quando das respostas dos entrevistados. Nestas, a família emerge como ponto de valência positiva potencializando o deslocamento do olhar da pandemia em si para a família como fonte de apoio e lugar de estruturação de valores.

Da mesma forma, a escola apareceu como um lugar de encontro – mesmo que forma virtual – e de aproximação dos seus pares. Embora para alguns o ensino online tenha sido citado como fonte dispersora, para outros foi citado como uma oportunidade de maior concentração.

5.3 AUTOCONHECIMENTO

“...Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão...”
(NASCIMENTO, Milton. Bola de meia, bola de gude)

Um dos pontos de valência positiva indicado nas entrevistas e caminho para enfrentamento da pandemia e condutor para a resiliência, foi o autoconhecimento.

Por autoconhecimento, entende-se como a consciência que cada um desenvolve acerca de si mesmo. A partir deste olhar individual, é possível um autorrelato e autoanálise reconhecendo as potencialidades individuais e vulnerabilidades, o que possibilita a tomada de decisões de forma mais consciente. (FERREIRA, 2022)

Contudo, desenvolver o autoconhecimento é algo que ocorre diariamente, cada um em seu próprio ritmo, entrando em contato com todos os aspectos do ser. Conhecer os próprios limites é um diferencial significativo para enfrentamento das adversidades e busca por sonhos.

Assim, torna-se possível a criação e ampliação de repertório para conexão com o mundo externo. O autorrelato possibilita que o outro conheça como cada um pode vir a internalizar o experienciado favorecendo a criação de vínculos afetivos mais significativos. A partir do processo de autoconhecimento, torna-se possível desenvolver possibilidades de enfrentamento diante das mudanças que se apresentam ao longo da vida. Uma das adolescentes entrevistadas afirma que:

“Eu aprendi a ser mais forte e a me amar”.
(Entrevista No.2)

Esta adolescente relata crises de ansiedade, ausência dos amigos, mas também “aprendeu a se colocar em primeiro lugar e se aproximar da família”, indicando assim aprendizados decorrentes da situação pandêmica estressante como pontos de valência positiva para a sua superação.

“Eu tive que crescer, a ser uma pessoa mais responsável”.
(Entrevista No.3)

Esta adolescente tinha à época 17 anos. Durante a pandemia, perdeu a avó decorrente do covid-19 e teve sua mãe internada na UTI. Precisou tomar decisões muito significativas tendo inclusive que pedir auxílio de outras colegas da mesma idade em alguns contextos. Precisou inclusive a realizar a mudança de domicílio em

razão da morte da avó. A sua entrevista foi realizada aproximadamente um mês após tudo isto e sua mãe já estava em casa.

A adolescente relata uma conversa interna na qual diz para si mesma: *“olha, você tem que ser direta, você tem que fazer isso e aquilo independente do que tá acontecendo”* (Entrevista No.3).

Apesar de todos os desafios enfrentados, do confronto com a finitude e responsabilidades, ao ser perguntada como espera que sua vida seja na pós pandemia responde: *“eu quero estar na faculdade. eu quero. eu quero desenvolver alguma coisa em mim, algum talento sabe? aprender a dançar...”*(Entrevista No.3).

Estas duas adolescentes ilustram o apontado por Cyrulnik (2004), de que o sofrimento pode levar ao amadurecimento e este a soluções resilientes, ampliando a forma de ser e estar no mundo, como bem exemplificada pela segunda entrevistada acima.

Nas entrevistas, alguns dos entrevistados trouxeram como ponto de valência positiva o autoconhecimento e o processo psicoterapêutico no durante a pandemia.

Na adolescência às vezes emergem extremas instabilidades físicas e emocionais, além de mudanças hormonais. A necessidade de voltar-se para o autoconhecimento emergiu em vários dos adolescentes entrevistados, que relatam iniciar o processo psicoterapêutico ou até mesmo reconhecer a importância deste. A capacidade de reflexão e o processo de consciência dos desafios enfrentados e da utilização das potências existentes em cada um se mostrou de grande importância.

Toda crise gera incertezas e o medo que emerge diante das incertezas dificultam ainda mais a caminhada. Contudo pode ser vista – e de fato foram por alguns dos entrevistados – como um lugar de oportunidade tanto para o autoconhecimento como para o desenvolvimento pessoal da criatividade e da resiliência. Os desafios impostos pela pandemia para alguns se reverberaram enquanto oportunidades de

autoconhecimento, crescimento pessoal, ampliação do aprofundamento relacional tanto familiar quanto com amigos dentro de uma convivência consciente.

5. 4 AS REDES SOCIAIS E OUTROS RECURSOS DISPONIBILIZADOS AOS ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA

“Amanhã vai ser outro dia”
(BUARQUE, Chico. Apesar de você)

5.4.1. O ativismo digital dos adolescentes em tempos de pandemia

As redes sociais são espaços que propõe infinitas possibilidades em seus conteúdos para diversas pessoas de diversas idades. São espaços para entretenimentos, informações e, de forma mais destacada, mostrou-se como lugar de militância e ativismo político de adolescentes. Adolescentes das mais diferentes idades começaram a usar as redes como lugar de “encontro” e aplicativos como Twitter, Instagram e TikTok tornaram-se veículos para expressar as opiniões e mostrar as vozes políticas ao mundo. Com o isolamento social causado pela pandemia da Covid-19, esses espaços virtuais se encontraram mais ativos do que nunca, especialmente no que se refere à política, colocando-os em um lugar de influenciadores digitais com seus conteúdos voltados para os seus pares e até mesmo com outras faixas etárias.

O termo “ativismo de sofá” é geralmente utilizado de forma pejorativa para se referir a militância virtual; no entanto, tal forma de se expressar politicamente não necessariamente é negativa ou não causa impactos e mudanças, pois as redes sociais possibilitam uma flexibilidade e alcance maior do que a militância “tradicional” provem. Para Dencik e Wilkin (2018):

“os modos digitais de ativismo permitem estratégias mais espontâneas e inclusivas, diferentemente de uma forma de organização política tradicional, que necessita, em muitos casos, de hierarquia e estrutura mais rígidas para promover uma mudança social”. (DENCİK, WILKIN, 2018, p.10)

Concomitantemente, é provável que adolescentes que se envolvem no mundo da política de forma online demonstrem tendências maiores a também realizar atos ativistas no mundo off-line.

Alguns jovens ativistas que se destacam são Greta Thunberg, ativista climática e ambientalista da Suécia, que já realizou parcerias com a UNICEF durante o período da pandemia para conscientizar a importância do isolamento social e práticas de prevenção.

No Brasil, diversos influenciadores digitais e ativistas tal como Kaique Brito, Víncius, Oliveira Santos e McSoffia em suas redes postavam ativamente conteúdos conscientizadores sobre o coronavírus e destacavam as injustiças sociais no período de isolamento, especialmente para com a camada menos favorecida economicamente da população, além de críticas as medidas tomadas pelo governo federal durante a pandemia.

Nesta pesquisa, uma das falas do adolescente assim se destaca:

Então o que mais eu tive de aprendizado foi que eu comecei a ter mais noção do mundo mesmo, comecei a ter mais noção de política, que isso é bem importante pro futuro. (Entrevista No.7)

A internet através das suas redes sociais tem tornado possível aos adolescentes lançarem-se nesta aventura permitindo uma visibilidade a grupos minoritários que até então não detinham visibilidade alguma, como adolescentes, permitindo que elas se colocassem com suas, expressões, preocupações e com assuntos diretamente ligados com a cidadania e a política, além de se engajarem com grupos específicos promovendo ações consideradas relevantes com maior convicção e de forma mais articulada, ampliando o seu olhar para lutas em relação as minorias através das redes sociais e alcançando pessoas e promovendo movimentos.

5.4.2 A relevância da prática da leitura no contexto da pandemia

“Um dia frio, um bom lugar pra ler um livro”

(DJAVAN. Nem um dia)

A leitura se apresentou como um dos diversos métodos utilizados pela população durante o período de isolamento social durante a pandemia do Covid 19. Se destacando pela acessibilidade e eficácia, a leitura é capaz de, em um período de estresse, trazer emoções positivas à tona reduzindo emoções negativas.

“A leitura proporciona vários benefícios às pessoas que estão em processo de restabelecimento da saúde, pois são percebidos alguns pontos significativos como motivação, convívio, experiências e que aos mesmo tempo, provocam neles alegrias e sentimentos estimulando-os assim o intelecto de todos” (SANTOS, 2017, apud ARAÚJO, 2020, p. 71)

É necessário, no entanto, que leitores busquem agradáveis e sejam proativos em seu processo de leitura, para que seu objetivo possa ser atingido e que possa ser encontrado o refúgio necessitado. Em uma das entrevistas realizadas, deparamo-nos com a seguinte fala:

Eu também adquiri um hábito legal que é o hábito de leitura, comecei a ler mais livros, que eu não fazia antes, só quando eu era obrigado pela escola. (Entrevista No.7)

Em uma pesquisa realizada com frequentadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (OLIVEIRA, 2021) voltada para aqueles que responderam que adquiriram ou ampliaram o hábito da leitura durante a pandemia, há um segundo questionamento relacionado ao impacto do hábito da leitura e se esta ferramenta de alguma forma foi útil ou não.

Aos que responderam positivamente à pergunta foram então direcionados aos impactos desta prática, de que forma, provocara sentimentos bons ou pensamentos e se contribuiu de forma positiva de alguma forma. As respostas obtidas relacionadas tal hábito aponta que: 5,9% afirmaram que não, já a maioria correspondente a 47,5% respondeu que diariamente, e um percentual de 46,6% declararam que ocasionalmente.

Seguem algumas respostas escritas de forma extensa sobre a importância da leitura e como ela os ajudou durante o período de isolamento social.

“Sim, eu mesmo tive sintomas de depressão (não procurei especialista para diagnosticar), tive solidão profunda, desânimo. A leitura, de assuntos que queria aprender antes da pandemia, me puxou de volta ao mundo, aprendi ferramentas novas e hoje sinto que a pandemia não foi uma perda de tempo e sim um momento de enriquecimento”.

“Sim! A leitura na pandemia serviu (e ainda serve) como um escapismo para mim, principalmente porque prefiro livros de ficção. Virou meu lazer, já que eu não saio de casa, e comecei a procurar comunidades na internet que lessem os mesmos livros que eu para me sentir menos sozinha. Posso dizer que alivia demais a pressão de se manter em isolamento”.

“Com toda certeza. No início da pandemia as coisas ficaram ociosas rapidamente, tudo ao meu redor era chato e estudar deixou de ser algo bom/importante para tornar-se um fardo diário. Com o início das leituras, comecei a organizar melhor minha rotina; estudos, leitura, prática de esportes. Mas foi na leitura que me encontrei de verdade, as vezes passava horas pra concluir um livro com o intuito de debater com alguém que já o conhecia. A melhor parte desse hábito foi me encontrar em vários personagens dos livros, conhecê-los mais de perto e apontar nossas similaridades, entender os pontos de vista deles e as vezes associar aos meus. A leitura foi extremamente importante nesse período conturbado.”

É necessário partir do princípio de que os seres humanos são seres sociais e a necessidade de conviver com o outro. Contudo, no cenário da pandemia necessário se fez criar possibilidades de sociabilização e talvez a leitura também tenha se colocado neste lugar de desejo de se comunicar e se expressar.

Dentro do contexto pandêmico, a leitura emerge como um ponto de valência positiva estimulando a criatividade, exercitando a memória, ampliando a imaginação,

sendo uma forma de enfrentamento diante do estresse causado pela pandemia da Covid-19, além a estimular novas possibilidades de pensar.

5.4.3 Internet enquanto mediadora:

“A minha história é um denso algoritmo”
(VELOSO, Caetano. 2022)

“Mas há poemas como jamais
Ou como algum poeta sonhou
Nos tempos em que havia tempos atrás
E eu vou, por que não?” (VELOSO, Caetano. Anjos tronchos)

À princípio, conceituaremos a rede social como uma estrutura composta por pessoas conectadas por objetivos comuns. De acordo com o dicionário Priberam (2020):

“Rede social é uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham valores e objetivos comuns. Uma das fundamentais características na definição das redes é a sua abertura, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes”.

Todos os entrevistados sinalizaram, ao falar das rotinas, que o tempo diante dos dispositivos eletrônicos foi bastante ampliado, sendo que alguns deles traz de forma clara o quanto tal prática se tornara tanto positiva quanto negativa. Uma das entrevistadas inclusive relata que o que a auxiliou durante a pandemia foi o “celular” e o que atrapalhou, também foi o “celular”. No distanciamento físico, os dispositivos eletrônicos emergiram como facilitadores mas também, como dispersores.

Um discurso antagônico, porém, coerente diante do relato de atravessamento já que em muitos casos acabaram por se tornarem mediadores de informações e no contexto eu-mundo de interações sociais e em sala de aula. Tanto a escola quanto as demais atividades extracurriculares ocorriam através dos dispositivos eletrônicos.

As chamadas de vídeo tornaram-se os encontros do dia a dia, quer com a família extensiva, quer com os amigos. Apesar de não ser uma matéria tratada nesta pesquisa, e este breve questionamento é apenas uma provocação para estudos futuros, se torna inclusive questionável se este uso prolongado dos dispositivos eletrônicos não impactariam de certa forma no desenvolvimento socioemocional dos adolescentes. As possíveis elucidações sobre a sociedade em que vivemos e que nos embriaga através da mídia digital, não será estudado.

Nesta pesquisa o olhar para as telas e dispositivos eletrônicos serão norteados como uma perspectiva de relacionar-se, ampliar laços e partilhar conhecimento e intercambiar informações. Assim se manifestam os adolescentes:

Ocorreu que posso encontrar caminhos e objetos de paz dentro da minha própria casa com maior facilidade (Entrevista No.4)

Com as aulas remotas querendo ou não eu prestava um pouco de atenção e isso me ajudou (Entrevista No.5)

Meu celular é meu maior inimigo e meu melhor amigo ao mesmo tempo (Entrevista No.6)

Segundo Han, a imagem digital não floresce ou reluz, pois a negatividade do murchar está inscrita no florescer e a negatividade da sombra, no brilho (HAN, 2018, p. 57-58). Embora haja a perspectiva de que a “mídia digital” venha a aumentar a “distância” em alguns contextos, no cenário pandêmico tornou-se mediadora relacional.

Sem esta intermediação os prejuízos causados pelo afastamento do ambiente escolar por exemplo, poderia aproximar-se de um caos. O MEC através do Comitê Operativo de Emergência criou um plano nacional autorizando as aulas por intermédio das tecnologias de informação e comunicação. Essa foi uma mudança importantíssima que acabou por reduzir consideravelmente as perdas educacionais.

Os adolescentes externalizam a percepção clara da dualidade em relação à internet durante a pandemia quando demonstram a consciência da importância para a travessia diante do isolamento, mas também, da perspectiva de que esta, em algum momento, viria a atrapalhar o cumprimento de determinadas obrigações do cotidiano.

5. 5. Rotina, quando o cotidiano se torna extraordinário

“...Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã”
(BUARQUE, Chico. Cotidiano)

Com a pandemia da covid-19, milhares de pessoas ao redor do mundo se viram em uma posição de isolamento e distanciamento social, além de terem suas vidas e rotinas completamente alteradas. A população demográfica talvez mais afetada pela quarentena tenha sido os adolescentes, os quais não só tiveram o ambiente escolar privados de si, como também perderam o “contato” com seus colegas da mesma idade, sendo que esses relacionamentos são essenciais no período de desenvolvimento de um indivíduo. Três das principais mudanças em suas vidas foram: a privação do ambiente escolar físico e a entrada deste no ambiente do lar, o tempo

dos membros da família juntos no mesmo ambiente (que aumentou significativamente) a socialização limitada com seus pares.

A principal desvantagem para o adolescente ao estar neste contexto, ao contrário dos adultos e idosos, é que os recursos de enfrentamento estão em construção, assim como a maturidade ou os recursos para lidar com tantas mudanças.

Portanto, o estabelecimento de uma rotina saudável que seja compatível com a vida do adolescente é essencial. O cumprimento das obrigações em casa, a dedicação aos estudos, cuidados com o corpo e atividades físicas e tempo de lazer se mostram como pilares de uma rotina equilibrada.

Nas entrevistas realizadas, a necessidade da rotina emergiu como uma fala consciente e quase uníssona:

É, eu sempre tive uma rotina muito bem estabelecida e a pandemia serviu como uma quebra na rotina, e eu fiquei um pouquinho no caos quando ela veio, mas sempre tive uma semana bem regrada, então sempre tinha (Inaudível) pela manhã, pela tarde, estudo. E era assim minha vida antes da pandemia, com exercício físico e bastante hábitos planejados. (Entrevista No.4)

Antes da pandemia eu tinha uma rotina certinha, eu ia pra escola todos os dias, era bem pontual assim. Escola pra mim era prioridade. Eu ia doente, sem tá doente. Geralmente a tarde eu estudava e tinha uma rotina de ir para a academia. (Entrevista No 5)

Eu com certeza entendi o valor de uma rotina fixa que você realmente segue e de uma organização que antes, meio que a escola presencial, meio que a escola online não funciona comigo, a escola presencial me forçava a uma rotina. Mesmo que não fosse uma rotina muito escolhida, que eu arrumei a rotina. Tipo, eu tinha que acordar num mesmo horário, eu tinha que, e eu tinha que sair de casa todo dia num mesmo horário, chegava na escola num mesmo horário, saía da escola e chegava em casa de volta num mesmo horário. E aí meu dia meio mais sem rotina toda essa rotina de acordar, ir pra escola tomar banho no mesmo horário é uma rotina que é muito valiosas é a coisa que eu mais aprendi com a pandemia foi o valor de rotina realmente. (Entrevista No.9)

...O que tá me ajudando mais nesse período é tipo, as convivências diárias que eu ainda tenho, tipo, minha irmã, meu primo que tá morando com a gente, que eles realmente me ajudam a manter a rotina que eu falei antes que é necessária, entendeu? É o que tá me ajudando mais. (Entrevista No8)

Neste contexto emergiram a participação com os cuidados da casa, das tarefas domésticas, o que acaba por desenvolver habilidades importantes para que o adolescente amplie ou adquira mais independência na vida diária da comunidade. Os responsáveis acabavam por definir as tarefas inicialmente passando a incorporar na rotina. Tarefas como lavar louça, elaborar a refeição ou organizar o quarto. Durante a pandemia em especial, muitas famílias deixaram de ter consigo a presença de alguém que pudesse auxiliar nas tarefas diárias.

Com a pandemia, os estudos, a escola, atividades extracurriculares, desafiaram a rotina inserindo-se no conforto da casa. A rotina é convidada como meio de compreensão para a continuidade das atividades, através da manutenção dos hábitos regulares criando o senso de disciplina e caminho para cumprimento de obrigações.

Houve igualmente a necessidade de criar um ambiente tranquilo e silencioso para o estudo, a maioria das vezes o próprio quarto que passou a ser utilizado para tudo. Os horários para estudos precisaram ser pré-estabelecidos. Um dos entrevistados nos diz que:

Por exemplo, eu tenho uma semana pra fazer uma redação pro colégio mas acabo não fazendo por que quando vou fazer eu enrolo, eu procrastino, eu vou assistir uma série, vou jogar uma coisa.

Uma coisa que vem me ajudando é tipo, a medida que minha mãe tomou, que eu não posso colocar coisa na TV pra jogar em dia de semana, eu só posso assistir TV e depois estudar. Isso me ajudou bastante, tipo bastante mesmo, mas eu ainda tenho que melhorar em relação aos prazos (Entrevista No9)

Outra fala de um dos entrevistados nos traz a percepção da consciência da necessidade de ter um cuidado maior com o sono pois mesmo havendo a necessidade de acordar cedo para a aula virtual, alguns não conseguiam:

“ que tá dificultando mais seria... não sei... seria o fato de que a escola não é presencial e eu não tenho que acordar todo dia. Teoricamente eu tenho que acordar todo dia no mesmo horário e fazer as coisas certinho, mas eu também não tenho que, entendeu? Eu não tenho essa cobrança forte em cima disso, então eu não faço. Eu não acordo todo dia no mesmo horário. Eu dormi muito

tarde, eu acordei as 11h da manhã, muito tarde. Perdi aula, entendeu? Mas é, eu acho que seria isso, essa inconstância da pandemia que tá me ferrando. diariamente um horário fixo para acordar, realizar as refeições e dormir. Estar presente para apoiar e ajudar a criança caso seja necessário e conhecer suas plataformas digitais também é algo a ser destacado.

Outro ponto referente à rotina é o fato de alguns estarem atentos aos momentos de lazer e descanso. As telas, por exemplo, que num momento se mostraram como intermediadoras, noutra momento emergiam como lazer e lugar de encontro. A não observância do tempo diante das telas emergia como uma desorganização na rotina e, para além disto o impacto direto à saúde física e psíquica dos adolescentes. Contudo, cuidados para que o lazer não se restrinja apenas às telas e sim, buscar possibilidades outras quer individualmente, quer juntamente com a família como foi o caso relatado por alguns dos entrevistados, assistindo filmes, jogando jogos de tabuleiros, se dedicando ao ócio ou a arte.

A prática de atividade física também foram implementadas por alguns mesmo durante o isolamento social. Embora o isolamento social tenha feito com que as pessoas se mantivessem em casa, e, como consequência, se movimentassem e se exercitassem menos, houve um aumento significativo do sedentarismo e com isto o impacto negativo para a saúde física e mental. Muitos dos entrevistados apontaram para um aumento na ansiedade e estresse, sintomatologia que pode ser reduzida com atividade física:

Eu me vi tendo crises de ansiedade numa frequência estúpida, porque antes eu tinha assim, uma ansiedade com coisas ocasionais, quando tinha uma situação que eu me via sem alternativa, quando eu não sabia como resolver uma situação e depois da pandemia, principalmente de uns meses para cá, percebi que isso tem uma frequência muito maior. Só veio melhorar agora porque eu voltei a fazer academia, então eu libero essa energia toda, mas eu tava tendo crises de ansiedade mais de 5 vezes numa semana, a semana tem 7 dias (Entrevistada No.6).

É importante, dentro do contexto de implementação de rotina, incentivar o adolescente a se exercitar diariamente, seja como uma atividade em família ou individual, começando de acordo com suas atuais capacidades e ir aumentando o ritmo e intensidade conforme o progresso realizado.

Foi possível desta forma observar dois fatores junto aos entrevistados, o primeiro deles, que eles pedem por rotina. O segundo, que os adolescentes que tiveram esta iniciativa ou foram conduzidos pelos seus responsáveis, alcançaram resultados melhores nas interações relacionais, nos estudos e na implementação de novos hábitos ou manutenção de antigos.

6 . A esperança enquanto linha condutora da tecitura existencial

“Um menino caminha
E caminhando chega num muro
E ali logo em frente
A esperar pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo, nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença, muda a nossa vida
E depois convida a rir ou chorar”
(AQUARELA. Toquinho)

A esperança é algo dinâmico e voltada para o futuro e não está direcionada a cuidados externos e, sim, à subjetividade de cada um.

Aparentemente, esperança e resiliência caminham juntas e níveis elevados de esperança funcionam, de certa forma, como um mecanismo de proteção contra adversidades, colocando-se como uma perspectiva para alcançar determinados objetivos, fomentando a expansão das emoções positivas e uma vida com sentido.

Segundo Borges (2010), a esperança pode ser vista em relação aos sete pilares norteadores, a saber:

“Sete componentes abstratos e universais de esperança: avaliação realista da situação identificação de ameaças, previsão de alternativas e estabelecimento de metas, avaliação realista de recursos pessoais e situacionais, um estímulo diante dos resultados negativos, a socialização para apoio mútuo, uma avaliação contínua que reforça metas previamente estabelecidas, e determinação para enfrentar a situação”. (BORGES, 2010, p.252)

A esperança emerge como um propulsor diante do enfrentamento de situações adversas, ampliando o mecanismo de proteção:

“A esperança, como uma força humana, permite-nos mergulhar no evento de respostas humanas a doenças e processos vitais, e nas exigências que as transições impõem no cotidiano familiar, a partir de uma interação atenção pessoal com intenções terapêuticas”. (BORGES, 2010, p.252)

Nesta perspectiva, os achados em nossa pesquisa nos direcionam para uma visão esperançosa dos adolescentes entrevistados quando do período pós pandêmico. Isto nos parece algo bastante significativo e, porque não dizer, amplia a perspectiva em relação à resiliência, impulsionando-nos, inclusive, a avocar a possibilidade de ampliação desta pesquisa em segmento a um possível Doutorado. Assim, emergem as expressões de esperança:

Bom, espero que seja melhor né? Que eu seja mais feliz. Eu acho que não vou ter mais tanta crise de ansiedade, eu vou tá saindo e etc. (Entrevista No.2)

Bom, minha vida no pós pandemia eu espero que eu possa tirar esse atraso da amizade né, poder vê-los bastante e eu espero que meus aprendizados, que eu consegui durante a pandemia, essa conexão maior com a minha família, esses novos hobbies que eu trouxe pra mim, eu espero que tudo isso possa dar continuidade e talvez ainda melhorar sempre que possível. Tem sido eterna tentativa de manutenção de uma rotina que não é a mesma de antes, e adaptação a nova realidade e de esperança do que pode vir à frente. (Entrevista No. 4)

Eu acho que após a pandemia a gente vai estar (inaudível) de muitas coisas mas creio eu que se eu me esforçar, acho que pode voltar a ser como era antes, aquela pessoa dentro de mim que era comunicativa, que gostava de festejar, abraçar, ser feliz né? Porque eu acho que a pandemia tirou um pouco da nossa felicidade. (Entrevista No.5)

Eu espero voltar a minha rotina, entrar na faculdade e finalmente seguir os planos que eu tinha pra mim. (Entrevista No.6)

Eu acho que no começo eu vou sentir a diferença mas depois o resto eu vou acostumar normalmente porque em geral a gente se acostuma as coisas né? Assim como a gente se acostumou a viver em isolamento a gente vai se reacostumar a viver.(Entrevista No.7)

Ah, eu acho que vai ser muito melhor mas eu acho também que vai ser mais cansativa, porque (eu acho que vai terminar ano que vem) eu provavelmente vou estar começando o terceiro ano e vai ser bem complicado pra mim. Imagine entrar no terceiro ano assim que acaba a pandemia. Vai ser muito difícil muito cansativo mesmo assim. Mas acho que vai ser bom pra minha família e amigos, porque a gente vai voltar a se rever normalmente, se ver todo dia. Então eu acho que vai ser melhor em vários pontos. (Entrevista No.9)

Cada minuto da minha vida assim, mesmo porque, tanto as pessoas que eu gosto, aproveitar os momentos que eu... Da minha vida mesmo. Que eu tiver vivendo assim, quero viver... intensamente. Vamos dizer assim (Entrevista No.10)

Essa pergunta eu também me faço, porque a minha pós pandemia vai ser o terceiro ano, o vestibular. Então vai ser tenso. A gente vai sair, a gente vai voltar ao novo normal na escola, vai tá no terceiro ano. Então eu tô tentando ter esperança, tipo ter mente aberta, de cabeça boa. Porque se não eu vou ficar mais nervosa do que no começo da pandemia. (Entrevista No. 12)

A esperança emerge na maioria das entrevistas, o que nos impulsiona a olhar para este tema não como uma categoria dos pontos de valências positivas encontrados enquanto constructo de resiliência, mas como uma rica linha de uma nova tecelagem de vida que passa a se mostrar. Desta forma, a esperança se mostra como uma linha potente dos pontos de valência positivas emergentes nesta pesquisa.

Paulo Freire (2004) nos dizia ser preciso ter esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar é apenas espera. Mas esperar se coloca em lugar diverso, de construção ativa:

“Esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica, sem ela não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não pré-dado, a inexorabilidade do futuro é a negação da história”.

A esperança tem o olhar para o coletivo e construção histórica relacional. Um amanhã dourado com tintas de mãos diversas. Enquanto o viés deste olhar que se sedimenta no hoje estiver projetado para o amanhã, transcendemos de objeto para sujeito ativo da história.

Foi notório nas entrevistas até aqui realizadas, que os adolescentes que construíram pontos de valência positivas alcançaram resultados que impulsionaram novos projetos atribuindo novos sentidos à vida.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa sugerem pontos relevantes acerca do tema, tanto em relação ao eixo temático adolescências, quanto à repercussão da pandemia para estes jovens e sua travessia.

A pesquisa se iniciou com o levantamento bibliográfico sobre o tema resiliência, de textos que tratavam da questão da Pandemia da COVID-19 e do desenvolvimento e das relações que os adolescentes estabeleceram ao longo do período de isolamento com as famílias e os amigos. Paralelamente, tentou ver como esta nova forma de estabelecer as vivências e se colocar no mundo impactou no potencial de resiliência dos adolescentes. Em relação aos resultados aqui encontrados, propomos algumas reflexões:

1. Foi possível observar que alguns elementos familiares contribuíram significativamente para o potencial de resiliência, pois, apesar dos conflitos, houve estreitamento dos vínculos familiares. O vínculo familiar de qualidade foi de certa forma um dos pontos fixos de valência positiva.

2. Foi possível observar que, diante da dor e do sofrimento, alguns adolescentes precisaram amadurecer assumindo responsabilidades que até então desconheciam.

3. Alguns recursos já existentes foram ampliados, ou passaram a existir no processo, contribuíram como facilitador de resiliência. A rede social, por exemplo, foi resposta ao isolamento social possibilitando acesso aos estudos e convívio com seus pares e familiares mais distanciados.

4. Foi possível constatar níveis de ansiedade social, ansiedade de uma forma geral e certo rebaixamento de humor decorrente do distanciamento imposto.

5. Os dados colhidos nas entrevistas mostraram-se insuficientes para constatarmos diferenças no que se refere a interseccionalidade entre sexos ou relacionado a diferenças étnicas.

Necessário se faz acrescentar que a família, a arte, o ambiente social, a internet, o ato de cozinhar, o autoconhecimento, a psicoterapia, o ativismo político, a rotina, a leitura, emergiram enquanto mediadores. Esta mediação, um processo voluntário que proporcionou a busca pela resolução de conflitos, tornou-se um meio de subjetivação proporcionando a interação entre o adolescente e o meio ambiente. De mãos dadas com a resiliência que se desponta, emergiu a esperança enquanto tecitura dos pontos de valência positivas.

É importante salientar que esta pesquisa se mostra atual e válida para quaisquer situações de estudos com cenário de altíssimo estresse envolvendo a psicologia social de forma ampla. O presente experimento norteou a situação experiencial de eventos sociais com a restrição da liberdade de ir e vir, podendo ser reproduzido em outras circunstâncias para estudos futuros.

8. EPÍLOGO IMAGÉTICO

A vida nos põe à prova
Às vezes quando bem distraídos
Outras quando desencorajados
Desistir parece ser uma sensata opção

A pausa, há pausa, um respiro
Há luz em meio a escuridão
Fio condutor de saída,
Seta sinalizadora da coragem
Arma golpeadora dos medos

Ao final retornaremos, quiçá, mais firmes e fortes
E para novos desafios e obstáculos,
Para a sustentação em meio a frustração
Encorajados nos faremos
Motivados ficaremos
Resilientes nos tornaremos.



³ Foto Cristina Santana.

³ Fotografia composta durante o trekking para a Laguna Esmeralda, Ushuaia, Patagônia no ano de 2023.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, L. H. A. **Os adolescentes e a pandemia do novo coronavírus**. Convivendo com a adolescência nos dias atuais. In: MACEDO, R. M. S.; MACEDO, T. E. C. R.; (Orgs.). Curitiba: CRV, 2021.
- ALCÂNTARA, M. A. R.; BASTOS, A. C. S; MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, G.; (Orgs.). **Família no Brasil recurso para a pessoa e sociedade**. Curitiba: Juruá, 2015. 596p. Coleção Família e Interdisciplinaridade.
- ALVAREZ, A. M. S.; MORAES, M. C. L; RABINOVICH, E. P. Resiliência: um estudo com brasileiros institucionalizados. **Revista Bras. Cresc. Desenv. Hum.**, v. 8, n. 1-2, p. 71-75, 1998.
- AMORIM, R.; GUERRA, A.; POCHMANN, M.; SILVA, R. **Atlas da Nova Estratificação Social no Brasil**. Classe média: desenvolvimento e crise. Volume 1. São Paulo: Cortez, 2006.
- ASSIS; S. G. D.; AVANCI, J. Q.; PESCE R. P; NJAINE. K. Resiliência na adolescência: refletindo com educadores sobre superação de dificuldades. In **Resiliência na adolescência: Refletindo com educadores sobre superação de dificuldades**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; ENSP; CLAVES; 2008.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. (Tradução: D. Flaksman). Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- ARNETT, J.J. (2015). The cultural psychology of emerging adulthood. In: L. A. Jensen (Ed.), **The Oxford handbook of human development and culture: An interdisciplinary perspective** (pp. 487–501). Oxford: Oxford University Press. 2015
- BASTOS, A. C. De comer e de sentir. In: RABINOVICH, E. P.; ROSAS, M. L.; AMORIM, R. C.; SÁ, S.M. P. (Orgs.). **Do fogão ao coração**. Salvador: Ed. P55, 2014. pp. 79.
- BENEDICT, R. **Padrões de cultura**. Petrópolis: Vozes, 2013. (Obra original 1934).
- BONDER, N. **Fronteiras da inteligência**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001. P 159
- BORGES, Z. SILVA ME. Promoción de la esperanza y resiliencia familiar. Prácticas apreciativas. **Invest Educ Enferm**, v. 28, n. 2, p. 250-257, 2010.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do adolescente**. In: Vade Mecum Saraiva. 21. ed. Atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 2016.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

COSTA, P.J. **Do autoconhecimento ao autoconceito: Revisão sobre construtos e instrumentos para crianças e adolescentes**. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.49076><https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.49076>. Acessado em 9 de janeiro de 2023

CYRULNIK, B. **Resiliência: Essa inaudita capacidade de construção humana**. Lisboa :Instituto Piaget, 2001.

CYRULNIK, B. **Corra a vida te chama: memórias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. Tradução Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DESLANDES, S. F. **O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política**. Acessado em 30 de janeiro de 2023 às 18h32. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.21122018>

DE BOTTON, A. ARMSTRONG, J. **Arte como terapia**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Intrínseca. 2014.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/rede%20social> [consultado em 02-01-2023].

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. 2, ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

ESTEVES, L. C. C.; ABRAMOVAY, M. Juventude, juventudes pelos outros e por elas mesmas. In: VI Congresso português de sociologia – mundos atuais, saberes e práticas, Lisboa. **Anais Eletrônicos**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2006. Disponível em: www.aps.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

FERREIRA JR, M. DE C. **Depressão, resiliência e bem estar em adolescentes: Relação com o isolamento na pandemia da COVID-19**. Disponível em <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/28638/Flavio%20Milton%20de%20Campos%20Junior.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acessado em 21.05.2022

FIOCRUZ. **COVID pesquisa de comportamentos.** Disponível em <<https://convid.fiocruz.br/index.php?pag=objetivosadolescentes>>. Acessado em 14.04.2021.

FIOCRUZ. **A saúde da criança e do adolescente.** Disponível em <https://portal.fiocruz.br/noticia/iff/fiocruz-lanca-2a-edicao-de-documento-covid-19-e-saude-da-crianca-e-do-adolescente>. Acessado em 14.10.2021.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.* São Paulo: Paz e Terra, 2003. GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

FLEXOR, M. H. O. **História da família no Brasil** (parte I). Família no Brasil recurso para a pessoa e sociedade. In: BASTOS, A. C. S.; MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, G.; ALCÂNTARA, M. A. R.; (Orgs.). Curitiba: Juruá, 2015.

HAN, B. C. **No Enxame: perspectivas do digital.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. **Outro Olhar, Revista de Debates**, Belo Horizonte, v. 5, n. 4, p. 42-53, nov. 2007.

KUBLIOWSKI, I. A adolescência estendida ou adultez emergente? A passagem para a vida adulta e o ciclo vital da família. In: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (Orgs.). **Adolescentes & adolescências: família, escola e sociedade.** Curitiba: CVV, 2018. pp. 145-166.

LARSON, R. W.; BROWN, B. B.; MORTINER, J. **Adolescents' preparation for the future.: perils and promise.** Ann Arbor (MI): The Society for Research on Adolescence, 2002.

LOUREIRO, M. A. O impacto da pandemia pela COVID-19 nos Adolescentes e Jovens: revisão crítica da literatura. Mestrado (dissertação); Psicologia Comunitária do Instituto Universitário. **Repositório do ISPA**, 2020. Disponível em: http://hdl.handle.net/10400.12/8013_2021. Acesso em 15 março 2022.

MACÊDO, R.M.S.; MACÊDO, T. C. R. **Con-Vivendo com a adolescência nos dias atuais.** Curitiba: CRV, 2021.

MACÊDO, R.M.S.; KUBLIKOWSKI, I. **Família e comunidade interfaces da psicologia clínica.** Curitiba: CRV, 2022.

MINAYO, M. C. S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.** *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MOFARREJ, G.J.C. **Do confinamento aos espaços de liberdade – Um olhar para os nossos jovens em tempos de pandemia**. Con-vivendo com a adolescência nos dias atuais. In: MACEDO, R. M. S.; MACEDO, T. E. C. R.; (Orgs.). Curitiba: CRV, 2021.

MORAES, M. C. L. de; RABINOVICH, E. P. Resiliência: Uma Discussão introdutória. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.**, São Paulo, v. 6, n. 1/2, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/38369>. Acesso em 25 Out 2021.

MOREIRA, L. V.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (Orgs.). **Adolescentes & Adolescências. Família, Escola e Sociedade**. Curitiba: CRV, 2018.

NARVÁEZ, J. H.; GARZÓN, K.V.A.; CÓRDOBA-CAICEDO, K.; GUERRERO, L. M. **O. Eventos vitales estresantes, estrategias de afrontamiento y resiliencia en adolescentes en contexto de pandemia**. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-01372021000200174>. Acessado 2022 Dez 26.

OLIVEIRA, N. D. F. **A relevância da prática de leitura no contexto da pandemia. E isolamento social**. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/40831>. Acessado em 2 de fevereiro de 2023.

OLIVEIRA, W. A.; SILVA, J. L.; ANDRADE, A. L. M.; MICHELI, D.; FERNANDEZ, J. E. R.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; SILVA, M. A. I.; SANTOS, M. A. Adolescência em tempos de pandemia: integrando consenso em um mapa conceitual. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 25, n. 2, abr./jun. 2020. ISSN 1678-4669. DOI: 10.22491/1678-4669.20200014

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. S. (Orgs.) **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

ROZEMBERG, L. B. **Resiliência na adolescência: Uma reflexão sobre o potencial de superação de problemas em meninos e meninas**. Mestrado (Dissertação): Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PICKREN, W. E. (2018). Light through a cultural lens: Decolonizing the history of psychology and resilience. In G. Jovanović, L. Allolio-Näcke, & C. Ratner (Eds.), **The challenges of cultural psychology**. London: Routledge. <http://dx.doi.org/10.4324/9781315559667-15>

SANTOS, M. E.G.; OLIVEIRA, A. L.; CERVENY, C.M.O. Projeto de vida na adolescência: Reflexões sobre o papel da escola e da família. In: KUBLIOWSKI, I.; MACEDO, R. M.S (Orgs.). **Família comunidade interfaces da psicologia clínica**. Curitiba: CRV, 2022. pp. 21-43.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

SENNA, S.R.C.M.; DESSEN, M.A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n.1, p. 101-108, 2012.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Editora Roca. 2005

WERNER, E. E.; SMITH, R. S. **Kauai's children come of age**. Honolulu, HI: University of Hawaii Press, 1977.

WERNER, E. E.; SMITH, R. S. **Vulnerable but invincible: A longitudinal study of resilient children and youth**. New York: McGraw-Hill, 1982.

Werner, E. E. Risk, resilience, and recovery: Perspectives from the Kauai longitudinal study. **Development and Psychopathology**, n. 5, p. 503-515, 1993..

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Coronavirus disease 2019 (COVID-19): situation report, 1** Disponível em <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200121-sitrep-1-2019-ncov.pdf?sfvrsn=20a99c10_4>. Acessado 2021 Jun 01.

YUNES MAM. **A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda**. Tese (Doutorado): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo; 2001.

UHLE, A.B.B. Reflexões sobre a filosofia e a cozinha. **Cadernos CEDES** [online]. 1997, v. 18, n. 42 [Acessado 2 Janeiro 2023], pp. 75-92. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32621997000100006>>. Epub 05 Maio 1999. ISSN 1678-7110. <https://doi.org/10.1590/S0101-32621997000100006>.

UNGAR, M; LIBÓRIO, R. M. C. **Resiliência oculta: a construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes em situação**

de

risco.

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/jwBRMZ4xDSZQgZJ4LX85Dgr/?lang=pt>

APÊNDICES/ANEXOS

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: “VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER, desenvolvida pela mestranda da Universidade Católica do Salvador (UCSal) e sua orientadora que é professora da referida universidade. Essa pesquisa tem como objetivo compreender como os adolescentes de classe média estão vivenciando sua adolescências durante a pandemia COVID-19. Você é convidado(a) por ser adolescente e por manter o distanciamento social estabelecido para controle e prevenção de infecção pelo COVID-19.

Para a coleta de dados/informações será desenvolvida uma entrevista cujo roteiro compreenderá perguntas relacionadas as experiências vivenciadas neste período, com duração aproximada de sessenta minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo para o(a) senhor(a). Caso concorde, o(a) senhor(a) receberá uma cópia deste documento.

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o(a) senhor(a) poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
 - As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
 - Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, caso permita, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas;
 - Sua participação não implica em nenhum custo financeiro;
 - Há o risco de desconforto em decorrência de abordar conteúdos pessoais. Caso isso ocorra, haverá apoio por parte da pesquisadora do estudo, caso necessário, o mesmo proverá apoio e encaminhamento para atendimento encaminhamento para atendimento a algum serviço psicológico para minimização do desconforto.
- Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora poderá entrar em contato através do endereço/telefone:

Ana Cristina de Jesus Santana, pesquisadora, telefone: + 55 (71) 99191.0082

Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea– Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-BA, CEP: 40. 231-902.

Comitê de Ética da UCSAL, Telefone:+ 55 (71) 3203-8913 para maior esclarecimento caso necessário.

Considerando as observações acima:

Eu, _____ aceito, voluntariamente, participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: _____

Assinatura do participante:_____

Assinatura do pesquisadora:_____

APÊNDICE B

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário (a), de uma pesquisa intitulada: “VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER, desenvolvida pela mestranda da Universidade Católica do Salvador (UCSal) e sua orientadora que é professora da referida universidade. Essa pesquisa tem como objetivo compreender como adolescentes de classe média estão vivenciando sua adolescências durante a pandemia COVID-19. Você é convidado(a) por ser adolescente e por manter o distanciamento social estabelecido para controle e prevenção de infecção pelo COVID-19.

Você não é obrigado (a) a participar desta atividade e, a qualquer momento, caso você não tenha entendido alguma explicação ou desistir de participar desta atividade, não terá nenhum problema, é um direito seu, e poderá falar com a pesquisadora (ver e-mail e telefone abaixo), sem que haja qualquer prejuízo para você. Caso concorde, você receberá uma cópia deste documento. Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, você poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em segredo, isto é, não haverá chance de alguém descobrir seu nome, nem de seus pais, nem nenhuma informação que possa identificar você.
- Caso você permita, o que conversamos será gravado para possibilitar o registro de todas as informações dadas e serão depois transcritas; essas informações serão usadas apenas para os objetivos de estudo.
- Você e seus pais não pagarão nada por você participar desta pesquisa.
- Esta pesquisa é importante porque fará você e seus colegas pensarem sobre o papel da família e da escola na elaboração dos seus projetos de vida podendo gerar possibilidades de mudar suas condições sócio-econômico-educacionais.
- Há o risco de você não se sentir confortável em decorrência de falarmos sobre conteúdos pessoais. Caso isso aconteça, eu, Ana Cristina de Jesus Santana que sou a pesquisadora, se necessário, darei apoio e encaminhamento para atendimento junto à psicóloga _____ para diminuir o desconforto.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com pesquisador você poderá entrar em contato através do endereço/telefone:

Ana Cristina de Jesus Santana, pesquisadora, telefone: (71) 99191.0082

Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea– Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-Ba, CEP: 40. 231-902.

Comitê de Ética da UCSAL, Telefone: (71) 32038913 para maior esclarecimento caso necessário.

Considerando as observações acima:

Eu, _____ já fui informado(a) dos objetivos deste trabalho, de maneira clara e detalhada e não tenho dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei pedir novas informações e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se achar melhor para mim. Tenho a autorização em participar do(o) meu (minha) responsável já assinada, declaro que concordo e aceito, voluntariamente, participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Recebi uma cópia deste documento assinado.

Salvador, ____ de _____ de 20 ____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) seu (sua) filha está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: “VIVÊNCIAS ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER, desenvolvida pela mestrandia da Universidade Católica do Salvador (UCSal) e sua orientadora que é professora da referida universidade. Essa pesquisa tem como objetivo compreender como adolescentes de classe média estão vivenciando sua adolescências durante a pandemia COVID-19. Você é convidado(a) por ser adolescente e por manter o distanciamento social estabelecido para controle e prevenção de infecção pelo COVID-19.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá suspender a participação do(a) seu(sua) filho(a) e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer prejuízo para o(a) senhor(a) ou para seu(sua) filho(a). Caso concorde, o(a) senhor(a) receberá uma cópia deste documento.

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o(a) senhor(a) poderá suspender a participação do(a) seu(sua) filho(a), sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance do nome do(a) seu(sua) filho(a) ou do(a) Sr. (a) serem identificados, assegurando-lhes completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, caso permita, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas;
- A participação do adolescente não implica em nenhum custo financeiro;
- O estudo apresenta como benefício: promover a reflexão sobre o papel da família e da escola na elaboração do projeto de vida dos seus jovens alunos podendo gerar possibilidades de mudanças nas suas condições sócio-econômico-educacionais.
- Há o risco de desconforto em decorrência de abordar conteúdos pessoais. Caso isso ocorra, haverá apoio por parte da pesquisadora do estudo, caso necessário, o mesmo proverá apoio e encaminhamento para atendimento junto à psicóloga _____ para minimização do desconforto.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com pesquisador poderá entrar em contato através do endereço/telefone:

Ana Cristina de Jesus Santana, pesquisadora, telefone: (71) 999191.0082

Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea– Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-BA, CEP: 40. 231-902.

Comitê de Ética da UCSAL, Telefone: (71) 3203-8913 para maior esclarecimento caso necessário.

Considerando as observações acima:

Eu, _____ identidade número _____, estou ciente dos objetivos da pesquisa, seus riscos e benefícios, já fui informado (a) dos objetivos deste trabalho, de maneira clara e detalhada. Sei que a qualquer momento poderei pedir novas informações e modificar a decisão de participar se achar melhor para mim e para meu (minha) filho(a). Declaro que concordo e autorizo meu(minha) filho(a) a participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir desta decisão, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Recebi uma cópia deste documento assinado.

Local e data: _____

Assinatura do responsável: _____

Assinatura do pesquisador: _____

APÊNDICE D

PESQUISA: VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER

FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO, HÁBITOS DE VIDA E SOBRE FAMÍLIA E VIDA SOCIAL

Data de aplicação: ___/___/___

Iniciais fictícias do adolescente: _____

Endereço:

Escola:

BLOCO 1 – DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS E HÁBITOS DE VIDA (ADOLESCENTE)	
1. Sexo/Gênero _____	9. Divide o quarto com alguém? • 1.Não • 2. Sim. Quem? _____
2. Idade _____	10. Algum problema de saúde? • 1.Não • 2. Sim. Qual? _____
3. Em relação à moradia: • 1. Própria • 2. Alugada • 3.Outros: _____	11. Faz uso de alguma medicação? • 1.Não • 2. Sim. Qual? _____
4. Qual a escolaridade?	12. O que costuma fazer para se divertir? _____
5. Tem alguma religião? _____	13. Sobre Tecnologia, o que costuma usar? (Celular? Whats/ Computador? Tablet? Facebook? Instagram? _____
6. Frequenta templo religioso? • 1.Não • 2. Sim.	14. Quanto tempo em média utilizava a internet antes da pandemia e durante a pandemia? _____
7. Pratica algum “Hobby”? Qual? _____	
8. Pratica(va) algum tipo de atividade física? • 1.Não • 2. Sim. Que tipo? _____ Quantas vezes/semana _____	

BLOCO 2 – INFORMAÇÕES SOBRE FAMÍLIA E VIDA SOCIAL (ADOLESCENTE)

<p>15. Tem irmãos? • 1.Não • 2. Sim. Quantos? _____ Qual a idade? _____</p> <p>16. Tem animal de estimação em casa? • 1.Não • 2. Sim. Qual? _____</p> <p>17. Quem costuma frequentar a sua casa? Com que frequência? _____</p> <p>18. Qual a idade dos seus pais? São casados ou separados? _____</p> <p>19. Com quem você mora? _____</p>	<p>20. Que casa você costuma frequentar durante a pandemia? Com que frequência? _____</p> <p>21. Você tem algum tipo de colaborador ou auxiliar de serviços em casa? Quem? _____</p> <p>22. Quem gerencia as atividades como compras de supermercado, pagamento de contas em banco, médico? _____</p> <p>23. Na sua rotina, tem alguma atividade de cuidados com familiares? _____</p>
--	--

BLOCO 3 – INFORMAÇÕES SOBRE A PANDEMIA (ADOLESCENTE)

<p>22. Que hábitos foram adotados com a pandemia?</p> <p>23. Alguém da sua família passou pela experiência do COVID-19? • 1.Não • 2. Sim. Quem? _____</p>	<p>24. E como foi?</p> <p>25. Qual foi o seu sentimento?</p>
---	--

Perguntas disparadoras de narrativas: (ADOLESCENTES)

1. Como era sua vida antes da pandemia?
2. E como tem sido pra você viver na pandemia?
3. Considerando a sua vida antes do Covid-19, quais mudanças e aprendizados ocorreram?
4. Diante do contexto da pandemia, diante da pandemia, como você percebe as suas relações com a família e os amigos?
5. Como você espera que seja sua vida no pós-pandemia?
6. O que você avalia que está te ajudando e atrapalhando neste período?

ANEXO 1
TERMO DE COMPROMISSO DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

Eu, Verena Guimarães Andrade Brandão, brasileira, solteira, psicóloga, inscrita no CRP sob nº 03/15201 e no CPF sob nº 02781967564, comprometo-me a atender os participantes da pesquisa intitulada VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER, conduzida pela pesquisadora Ana Cristina de Jesus Santana, caso exista algum desconforto psicológico diretamente causado pela sua participação na referida pesquisa.

Em decorrência do isolamento social adotado como medida de prevenção à COVID-19, além da possível distância geográfica entre este profissional e os participantes da pesquisa, o atendimento poderá ser realizado em formato remoto, utilizando-se de uma videochamada ou dos aplicativos google meet ou zoom a depender da preferência do entrevistado.

O atendimento ocorrerá em data e horário a ser ajustado com participante. Salienta-se que tal atendimento não implicará em ônus ao participante.

Salvador/BA, 25 de Outubro de 2021.

Verena Guimarães Andrade Brandão

03/15201



UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO SALVADOR

UCSAL

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA

COVID-19: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER

Pesquisador responsável: ANA CRISTINA DE JESUS SANTANA

Demais pesquisadores:

Instituição/Departamento: UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR (Ucsal)

Local da coleta de dados: AMBIENTE VIRTUAL

O/A(s) pesquisador/a do projeto intitulado "VIVÊNCIAS DE ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA COVID-19: DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER" se compromete a garantir a privacidade dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados através de pesquisa através do ambiente virtual, através de entrevistas gravadas e preenchimento de questionário, na própria instituição supracitada, concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto e seus produtos (relatórios, artigos, etc.). Informa que a divulgação das informações só será realizada de forma anônima e sendo os dados coletados bem como os termos de consentimento livre e esclarecido mantidas na residência do pesquisador localizada na rua Artur Gomes de Carvalho No.645 — APIOI, Pituba, CEP.:41810-640, Salvador/Ba, por um período de 5 anos sob a responsabilidade de Ana Cristina Santana dos Santos. Após este período, os dados serão destruídos, conforme acordado entre pesquisador e participante da pesquisa no ato da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Salvador, 04 de novembro de 2021 .

Nome do Membro da Equipe Executor	Assinatura
Ana Cristina de Jesus Santana	



FORMULÁRIO DE CUSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERIES RURAIS

1. Projeto de Pesquisa: VÍNCULOS DE ADOLESCENTES URBANOS E RURAIS NA CONDIÇÃO DE DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO SER

2. Número de Participantes da Pesquisa: 10

3. Área Temática:

4. Área de Conhecimento: Grande Área 4, Ciências da Saúde; Grande Área 5, Ciências Sociais Aplicadas; Grande Área 7, Ciências Humanas

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

5. Nome: ANA CRISTINA SANTANA DOS SANTOS

6. CPF: 024.535.875-36; 7. Endereço: RUA DE CARVALHO PEREIRA 1006 AP 101 SALVADOR BAHIA - BRASIL

8. Dependência: BRASILEIRO; 9. Telefone: 3334-7500; 10. Outros telefones: ; 11. Email: anacristina.santos@ufba.br

12. Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a fazer os materiais e dados coletados disponíveis em partes, em revistas de protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não sendo eu responsável pela continuidade e término do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinado por todos os responsáveis e leva parte integrante na documentação do mesmo.

Data: 01/11/2021

Assinatura

INSTITUIÇÃO PROPONENTE

13. Nome: ASSOCIAÇÃO UNIVERSITÁRIA E CULTURAL DA BARRA; 14. CNPJ: 07.073.003/0001-00; 15. Unidade legal:

16. Telefone: 3334-7500; 17. Outros telefones:

18. Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a fazer os materiais e dados coletados disponíveis em partes, em revistas de protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não sendo eu responsável pela continuidade e término do projeto acima.

Responsável: Meacir dos Santos Simões CPF: 339.786.945-72

Cargo/Função: Pró-Reitor de Pesquisa e Pós Graduação

Data: 09/11/2021

Assinatura: Meacir dos Santos Simões, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós Graduação, Universidade Católica do Salvador

PATROCINADOR PRINCIPAL

19. Nome da aplicação: